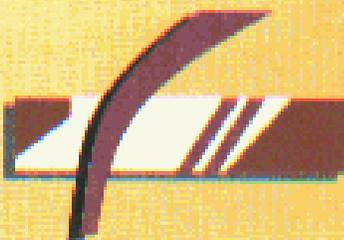
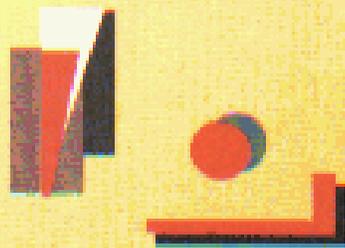
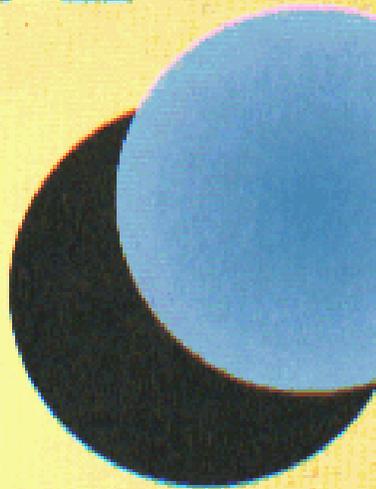


COLEÇÃO

cores do dia



RUBEM  
ALVES



# TEOLOGIA DO COTIDIANO



MEDITAÇÕES  
SOBRE O  
MOMENTO E  
A ETERNIDADE

OLHO  
*d'água*

RUBEM ALVES

# TEOLOGIA DO COTIDIANO

## MEDITAÇÕES

Olho d'água

1994

## *Sumário*

### **Diariamente**

Senna, ou a morte dos heróis .....	6
O passarinho engaiolado .....	10
Quero um brinquedo! .....	13
A Barbie .....	17
Alegria .....	21
O prazer .....	24
O telefone .....	27
Dr. Simão Bacamarte .....	31
As idéias loucas .....	35
O saco .....	39
Hora de esquecer .....	43
Preferiram morrer .....	46
“...e seguindo a canção...” .....	50

### **Eternamente**

Sobre deuses e rezas .....	54
O galo .....	58
O Paraíso .....	62
oãçanracneeR .....	66
Valeu a pena? .....	70
Tempo de morrer .....	74
Deus existe? .....	77

---

Esta obra é recomendada pelo Departamento de Teologia e  
Ciências da Religião e pelo Programa de Estudos Pós-  
Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP

---

# Diariamente

## *Senna, ou A morte dos heróis*

Eu fiquei muito triste com a morte do Senna. Dizer que fiquei triste não diz muito, porque é preciso distinguir entre os vários tipos de tristeza, que não são iguais. Foi o tipo de tristeza que tive que me surpreendeu: era diferente, injustificavelmente diferente. E logo me pus a fazer cobranças: Por que é que eu não fico triste daquele jeito pelas crianças que morrem abandonadas, pelos inocentes que os criminosos matam, pelos doentes que agonizam torturados pela dor, pelos suicidas solitários?

Minha tristeza pelo Senna me forçou a perguntar-me acerca dessa surpreendente geografia da sensibilidade da minha alma, que me parecia em conflito com a geografia das minhas sensibilidades morais. O que estava errado não era minha tristeza pelo Senna, mas minha pouca tristeza pelos outros que morrem. Lembrei-me de uma confissão de Bernardo Soares que me chocava todas as vezes que eu a lia: *Há idas de poente que me doem mais que a morte de crianças*. E agora era eu mesmo que fazia confissão parecida. Qual a razão da minha tristeza?

Eu não estava triste por razões pessoais. Não tinha razão alguma para gostar dele. Não éramos amigos e nem mesmo conhecidos. Eu não tinha a menor idéia do que ele pensava. Se porventura nos encontrássemos, é claro que não falaríamos sobre corridas de Fórmula 1, de que não entendo nada. Teríamos sobre que conversar? Literatura, música, política, arte, jardinagem, culinária, religião? Será que as idas do poente

lhe doíam mais que a morte de crianças? Será que ele tinha idéias de poente? Por vezes se fica mais triste quando não se conhece: porque eu nada sabia a seu respeito, então eu podia imaginá-lo do jeito do meu desejo. Nisso, então, minha tristeza se parecia com a tristeza das mocinhas apaixonadas que choravam porque tinham esperanças de se casar com ele. Elas não sabiam que não estavam apaixonadas por um ser real, mas por uma criação das suas fantasias.

Há o verso de Vallejo: *O seu cadáver estava cheio de mundos...* Sim, o cadáver dele estava cheio de mundos, todos os mundos que *minhas* fantasias de herói eram capazes de criar.

Tentei encontrar outra pessoa cuja morte tenha causado ou causaria tristeza semelhante. O Chico Mendes. Era homem honesto, lutador, pobre, dedicado à causa dos seringueiros abandonados na floresta, admirado. Foi assassinado. A morte dele foi triste. Mas somente uns poucos sentiram tristeza.

Alguém mencionou a morte do presidente. Com o devido respeito, acho que o povo ficaria indiferente e frio se o atual morresse. O povo sentiu a morte do Tancredo porque ele, como o Senna, para citar Goethe, foi transformado de fato em alegoria. Era uma figura mítica. Nem o Ulysses provocou coisa que se parecesse.

E o Betinho, se ele morrer. É meu amigo, gosto dele, todo mundo gosta e admira. Mas acho que a morte dele, como a do Chico Mendes, seria triste mas não provocaria tantas lágrimas. O Betinho é humano e conhecido demais para que seja pranteado como um deus.

Para ser honesto, nem mesmo o papa... Duvido que o mundo chorasse tanto a sua morte quanto chorou a do Senna.

Mesmo porque, morto um papa, já tem outro à espera, e os papas são todos iguais posto que são vigários de Cristo. Morto o Senna, não há outro à espera. A morte de um herói deixa sempre um lugar vazio. É esse lugar que causa a tristeza.

O que é chorado é uma cena luminosa, dentro de nós, que repentinamente se apagou. Choramos um sonho. Senna era uma figura mitológica, saída dos livros que narram a saga dos heróis. Os heróis cavalgavam cavalos brancos, usavam elmos de ferro, e tinham espadas nas mãos. Eram sempre solitários, belos e puros. Iam sozinhos ao encontro dos dragões da maldade. Os homens que ficam, os invejavam. As mulheres os amavam.

Mas as sagas dos heróis só são comoventes porque elas são a estória da nossa própria alma. Todos nós desejaríamos ser daquele jeito, heróis solitários...

Ele usava elmo branco, viseira de cristal, cavalgava um bólido de aço, tinha a velocidade do raio, e assim partia para lutar contra um dragão invisível.

Era certo que o dragão era invisível. Cada herói está na liça – e o seu desafiante é a Morte. Enganam-se os que pensam que Senna competia contra os outros. Os *outros* também desejavam ser heróis, todos saíam juntos, em procissão, como se numa liturgia, a desafiar a Morte. Como o toureiro solitário, frente a frente com o touro, cada vez mais perto, desafiando-o ao golpe fatal.

Para isso os carros devem ser cada vez mais velozes: para que se sinta cada vez mais próximo o calafrio da Morte. Cada carro de Fórmula 1 é um altar possível onde um herói será

sacrificado em homenagem a um deus. A velocidade é o punhal sacrificial.

Assim era o Ayrton: parecia não ter medo, parecia rir-se dela, e saía sempre vitorioso, com aquela cara de menino. Ele parecia não levar a sério que os heróis não são deuses: são de carne e osso, como todos os demais. E a Morte não tem pressa: ela dá sempre o último golpe.

Por isso ficamos tristes. A morte do Ayrton foi uma bela saga de herói que terminou... Lembro-me do enterro de Kennedy. O silêncio era total. Só os tambores rufavam. A frente do cortejo, um cavalo negro, lúcido, de passos nervosos e guarnições brilhantes. Mas nenhum cavaleiro o cavalgava. No entanto, havia, nos estribos, os sinais da sua ausência: duas botas vazias...

No nosso mundo não existe mais lugar para os heróis solitários. As máquinas, as instituições, as organizações, os partidos – tudo é grande demais. Ali os indivíduos desaparecem. Ficam sem rosto. São substituíveis. Mesmo os heróis do futebol: se jogam mal, ficam de fora...

O herói é o símbolo do nosso eterno desejo de sermos belos, puros e valentes. Que todos nos vejam! Que os homens nos admirem! Que as mulheres nos amem! Morto o herói, apaga-se o sonho e mergulhamos de novo no anonimato da multidão...

15/5/94

## *O passarinho engaiolado*

Dentro de uma linda gaiola vivia um passarinho. De sua vida o mínimo que se poderia dizer era que era segura e tranqüila, como seguras e tranqüilas são as vidas das pessoas bem casadas e dos funcionários públicos.

Era monótona, é verdade. Mas a monotonia é o preço que se paga pela segurança. Não há muito o que fazer dentro dos limites de uma gaiola, seja ela feita com arames de ferro ou de deveres. Os sonhos aparecem, mas logo morrem, por não haver espaço para baterem suas asas. Só fica um grande buraco na alma, que cada um enche como pode. Assim, restava ao passarinho ficar pulando de um poleiro para outro, comer, beber, dormir e cantar. O seu canto era o aluguel que pagava ao seu dono pelo gozo da segurança da gaiola.

Bem se lembrava do dia em que, enganado pelo alpiste, entrou no alçapão. Alçapões são assim; têm sempre uma coisa apetitosa dentro. Do alçapão para a gaiola o caminho foi curto, através da **Ponte dos Suspiros**.

Há aquele famoso poema do Guerra Junqueiro, sobre o melro, o pássaro das risadas de cristal. O velho cura, rancoroso, encontrara seu ninho e prendera os seus filhotes na gaiola. A mãe, desesperada com o destino dos filhos, e incapaz de abrir a portinha de ferro, lhes traz no bico um galho de veneno. *Meus filhos, a existência é boa só quando é livre. A liberdade é a lei. Prende-se a asa, mas a alma voa... Ó filhos, voemos pelo azul!... Comei!*

É certo que a mãe do passarinho nunca lera o poeta, pois o que ela disse ao seu filho foi: *Finalmente minhas orações foram respondidas. Você está seguro, pelo resto de sua vida. Nada há a temer. Não é preciso se preocupar. Acostuma-se. Cante bonito. Agora posso morrer em paz!*

Do seu pequeno espaço ele olhava os outros passarinhos. Os bem-te-vis, atrás dos bichinhos; os sanhaços, entrando mamões adentro; os beija-flores, com seu mágico bater de asas; os urubus, nos seus vôos tranqüilos da fundura do céu; as rolinhas, arrulhando, fazendo amor; as pombas, voando como flechas. Ah! Os prudentes conselhos maternos não o tranqüilizavam. Ele queria ser como os outros pássaros, livres... Ah! Se aquela maldita porta se abrisse.

Pois não é que, para surpresa sua, um dia o seu dono a esqueceu aberta? Ele poderia agora realizar todos os seus sonhos. Estava livre, livre, livre!

Saiu. Voou para o galho mais próximo. Olhou para baixo. Puxa! Como era alto. Sentiu um pouco de tontura. Estava acostumado com o chão da gaiola, bem pertinho. Teve medo de cair. Agachou-se no galho, para ter mais firmeza. Viu uma outra árvore mais distante. Teve vontade de ir até lá. Perguntou-se se suas asas agüentariam. Elas não estavam acostumadas. O melhor seria não abusar, logo no primeiro dia. Agarrou-se mais firmemente ainda. Neste momento um insetinho passou voando bem na frente do seu bico. Chegara a hora. Esticou o pescoço o mais que pôde, mas o insetinho não era bobo. Sumiu mostrando a língua.

– *Ei, você!* – era uma passarinha. – *Vamos voar juntos até o quintal do vizinho. Há uma linda pimenteira, carregadinha de pimentas vermelhas. Deliciosas. Apenas é preciso prestar atenção no gato, que anda*

*por lá...* Só o nome *gato* lhe deu um arrepio. Disse para a passarinha que não gostava de pimentas. A passarinha procurou outro companheiro. Ele preferiu ficar com fome. Chegou o fim da tarde e, com ele a tristeza do crepúsculo. A noite se aproximava. Onde iria dormir? Lembrou-se do prego amigo, na parede da cozinha, onde a sua gaiola ficava dependurada. Teve saudades dele. Teria de dormir num galho de árvore, sem proteção. Gatos sobem em árvores? Eles enxergam no escuro? E era preciso não esquecer os gambás. E tinha de pensar nos meninos com seus estilingues, no dia seguinte.

Tremeu de medo. Nunca imaginara que a liberdade fosse tão complicada. Somente podem gozar a liberdade aqueles que têm coragem. Ele não tinha. Teve saudades da gaiola. Voltou. Felizmente a porta ainda estava aberta.

Neste momento chegou o dono. Vendo a porta aberta disse:

– Passarinho bobo. Não viu que a porta estava aberta. Deve estar meio cego. Pois passarinho de verdade não fica em gaiola. Gosta mesmo é de voar...

14/2/94

## *Quero um brinquedo!*

O que eu queria era um brinquedo. Minhas tias não concordavam. Elas, frágeis mulheres a quem a abstinência do amor tornara frígidas, nada sabiam da alma de um menino. Discordavam da filosofia do Papai Noel. Suspeitavam, inclusive, que ele era dado ao vinho e, como evidência, apontavam para suas bochechas rosadas e felizes. Somente uma pessoa embriagada teria a idéia de andar pelo mundo estragando os meninos com um saco de brinquedos inúteis. Elas sabiam melhor. Eram práticas. Davam presentes úteis. Vinham embrulhados em papel colorido, mas eu já sabia o que estava lá dentro. Ou era lenço, ou era meia, ou era sabonete. E eu tinha de fingir surpresa, alegria e gratidão.

Elas não sabiam que o Natal é quando se conta a história de como Deus decidiu que a melhor coisa é brincar. Tanto assim que, contrariando o que diziam os graves doutores da Igreja, o místico medieval Jacob Boehme afirmava que a única coisa que Deus faz é brincar, e declarava também que Adão foi expulso do Paraíso quando deixou de brincar e passou a trabalhar.

Lembro-me de um dos Natais mais felizes que passei, à volta de um brinquedo... Para a felicidade basta um único brinquedo. Se são muitos, o que trazem é confusão.

A gente morava numa casa velha de fogão de lenha, tábuas largas no assoalho, galinhas no quintal e goteiras no telhado. O correio me trouxe um pacote. Vinha do Rio de

Janeiro. De uma tia de terceiro grau, que eu nem mesmo conhecia. Meus irmãos e meu pai se ajuntaram à minha volta, enquanto eu cortava os barbantes. Presente da tia Elisinha. Ela devia ser diferente. Conhecia a alma de um menino. Era um brinquedo. Nunca havíamos visto nada parecido. Mas não foi preciso que ninguém nos ensinasse. Era preciso encaixar aquelas centenas de pequenas peças, até que formassem um quadro: o Gepeto na sua oficina, o gato Fígaro, o peixinho Cleo, o Grilo Falante escorregando nas cordas de uma rabeça, três relógios de cuco na parede e o Pinóquio dançando ao som da concertina de Gepeto.

Não me esqueço da alegria que tivemos. Não tenho memória de outro brinquedo que nos tivesse feito brincar tanto...

Lembro-me, também, da alegria que tive a primeira vez que consegui empinar um papagaio. O brinquedo começava bem antes. Porque era preciso procurar e cortar os bambus, cortar as taquaras que deviam ser alisadas, até que as varetas não tivessem farpas. Enquanto isso, na chapa do fogão de lenha se preparava a goma arábica, que era comprada no armazém, sob a forma de bolas grudentas, parecidas com bolas de goma, e que devia ser derretida na água fervente, numa lata vazia. Havia também a difícil arte de fazer carretilhas, que eram parte do brinquedo.

De tarde, na praça do virador, ao lado das três paineiras pequenos e grandes se juntavam com papagaios na mão, cada qual mais bonito, de todas as formas e tamanhos, e ninguém iria humilhar o seu papagaio, soltando-o com linha enrolada em lata. Eu era pequeno demais, não me metia, ficava só espiando, me roendo de inveja. Até que um dia o vento se

compadeceu de minha humilhação, fez meu papagaio subir, e eu fiquei ali, extasiado, vendo aquele milagre, o meu papagaio lá no alto, pedindo mais linha.

Depois, a alegria do pião. Tenho um. Não sei por quanto tempo ele ficou esquecido, numa caixa de brinquedo. Um dia dei de cara com ele. Ele olhou para mim e foi logo fazendo um desafio: *Duvido que você possa comigo!*

Brinquedo é assim: convida sempre a uma medição de forças, ver quem pode mais. Pois o pião me desafiou, fiquei picado, peguei a fieira, enrolei como sempre fizera, e fiz o pião rodar. Nós dois, eu e o pião, rimos de felicidade. E desde então meu pião não teve mais descanso. E até perdeu a graça. Pois brinquedo, para ser brinquedo, não pode ser muito fácil. Por isso nós dois, o pião e eu, estamos ensaiando novos passos de dança. O que fizemos até agora foi uma simples valsinha. O que queremos agora, é dançar tango: jogar o pião no ar e fazer com que ele caia e rode na minha mão, sem tocar o chão. Enquanto eu não conseguir, continuaremos a brincar.

No Natal eu sinto uma dor mansa, saudade da infância que não volta mais. Saudade do meu pai, armando o quebra-cabeças com a gente... Saudade das tardes na praça das três paineiras, carretilha na mão, pés no chão, papagaio no céu. Saudade dos piões zunindo no ar e girando na terra...

A saudade me levou a abrir a porta do armário dos brinquedos velhos. Lá estão eles, do jeito como os deixei: silenciosos, eternos, fora do tempo. São como eram. Brinquedos não envelhecem. Acordam do seu sono e me olham espantados, ao notar as marcas do tempo no meu rosto. E zombam de mim, com uma acusação: *Bem feito! Esqueceu da gente, parou de brincar, envelheceu de repente!* Mas logo se apressam a

me consolar, vendo a minha tristeza: *Mas pra velhice tem um remédio que só nós guardamos. E só tomar: o tempo começa a rodar para trás e vapt-vupt, o velho fica menino de novo. E esse remédio se chama brincar. Venha brincar conosco!*

Convite que não recuso. Pego logo um brinquedo e me preparo para voltar a ser criança. Não há nada mais divino que eu possa desejar! E assim, Deus

e eu, cada um a seu modo, celebramos o Natal. Nos pomos a brincar. Enquanto eu brinco de rodar piões, Deus brinca de rodar estrelas. Ou será que as estrelas são suas bolas de gude? Pode até mesmo ser que ele, com carretilha, linha e pés descalços, esteja empinando a linda constelação do Orion, que toda noite aparece bem acima das nossas cabeças.

5/11/93

## *A Barbie*

Fiquei comovido quando li que foram encontradas bonecas em túmulos de crianças no Egito, na Grécia e em Roma. Pude imaginar o que os pais deveriam estar sentindo ao colocar aquele brinquedo junto ao corpo da filha morta. Eles o faziam para que ela não partisse sozinha, para que ela não tivesse medo...

De fato, uma criança abraçada a uma boneca é uma criança sem medo, uma criança feliz. Os meninos, proibidos de ter bonecas, se abraçam aos seus ursinhos de pelúcia. E nós, adultos, proibidos de ter bonecas e de ter ursinhos de pelúcia, nos abraçamos ao travesseiro... Os objetos são diferentes, mas o seu sentido é o mesmo: o desejo de aconchego e de ternura.

Por isso eu acho que o senhor e a senhora fizeram muito bem ao dar uma boneca de presente para a sua filhinha.

Com uma exceção, é claro: se a boneca não foi a Barbie. Porque a Barbie não é uma boneca. Falta a ela o poder que têm as outras bonecas, bebezinhos, de afugentar o medo e provocar sentimento maternos de ternura. Não posso imaginar uma menina dormindo abraçada à sua Barbie. Nenhum pai colocaria a Barbie no túmulo da filha morta.

A Barbie não é boneca. É uma bruxa.

Posso bem imaginar o espanto nos seus olhos. Eu imagino também os seus pensamentos: *O Rubem perdeu o juízo. A Barbie é unta boneca de plástico, não mexe, não pensa, não fala. E agora ele diz que ela é uma bruxa...*

Que as bonecas, ao contrário das aparências, têm uma vida própria, eu aprendi no 2º ano primário. Minha professora me deu um livro sobre bonecas e bonecos: enquanto a gente estava acordado, elas ficavam deitadinhas, olhinhos fechados, fingindo que dormiam. Mas bastava que os vivos dormissem para que elas acordassem e se pusessem a falar coisas.

As bonecas foram os primeiros brinquedos inventados pelos homens.

E foram também os primeiros instrumentos de magia negra. Um alfinete, aplicado no lugar certo de uma boneca – assim afirmam os entendidos – tem o poder de matar a pessoa que se parece com ela.

Pois eu digo que a Barbie é uma bruxa. Bruxa enfeitiça. Enfeitiçada, a pessoa deixa de ter pensamentos próprios. Só pensa o que a bruxa manda. A pessoa enfeitiçada fica possuída pelos pensamentos da feiticeira e só pensa e faz aquilo que ela manda.

Se falo é porque vi, com esses olhos que a terra há de comer. Basta que as crianças comecem a brincar com a Barbie, para que fiquem diferentes. O pai manda, a mãe manda, a criança faz birra e não obedece. Não é assim com a Barbie. Basta que a Barbie mande para que elas obedçam.

De novo você vai me contestar, dizendo que a Barbie não fala e não tem vontade. Por isso não pode nem dar ordens e nem ser obedecida.

Errado. O fantástico é que ela, sem falar e sem ter vontade, tenha mais poder sobre a alma da criança que os pais. Quem me revelou isso foi o futurólogo Alvin Toffler, no seu livro **O Choque do Futuro**, que li em 1971. O capítulo “A

Sociedade do Joga-Fora” começa com a Barbie. Nascida em 1959, em 1970 mais de 12 milhões já tinham sido vendidas. Um negócio da China. E por quê? Porque a Barbie, diferente das bonecas antigas, bebês que se contentam com uma chupeta e um chocalho, tem uma voracidade insaciável. A Barbie é uma boneca que nunca está contente: ela sempre pede mais. E essa é a grande lição que ela ensina às crianças: *Compra, por favor!*

Para se comprar há as roupas da Barbie, a banheira da Barbie, o secador de cabelo, o jogo de beleza, o guarda-roupa, a cama, a cozinha, o jogo de sala de estar, o carro, o jipe, a piscina, o chalé de praia, o cavalo e os maridos, que podem ser escolhidos e alternados entre o loiro e o moreno etc. etc. A Barbie está sempre incompleta. Portanto, com ela vem sempre uma pitada de infelicidade. Aliás, essa é a regra fundamental da sociedade consumista: é preciso que as pessoas se sintam infelizes com o que têm, para que trabalhem e comprem o que não têm. A Barbie tem esse poder: quem a tem está sempre infeliz porque há sempre algo que não se tem, ainda. E os engenheiros da inveja, a serviço das fábricas, se encarregam de estar sempre produzindo esse novo objeto que ainda não foi comprado. Mas é inútil comprar. Porque logo um outro será produzido. É a cenoura na frente do burro... Ela nunca será comida.

Quem dá uma Barbie para uma criança põe a criança numa arapuca sem saída. Porque, ao ter uma Barbie, ela ingressa no **Clube das Meninas que têm Barbie**. E as conversas, nesse clube, são assim: *Eu tenho o chalé de praia da Barbie. Você não tem.* Ao que a outra retruca: – *Não tenho o chalé, mas tenho o marido loiro da Barbie, que você não tem.*

Essa é a primeira lição que a inofensiva boneca de plástico ensina. Ensina a horrível fala do eu tenho, você não tens. A maldição das comparações. A maldição da inveja. Você deve conhecer alguns adultos que fazem esse jogo. Haverá coisa mais chata, mais burra, mais mesquinha? Ao dar uma Barbie de presente é preciso que você saiba que a menina inevitavelmente aprenderá essa fala.

Isso feito, uma segunda fala entra inevitavelmente em cena, impulsionada pelas ilusões da inveja. A menininha pensa: *Estou infeliz porque não tenho. Se eu tiver, serei feliz. O jeito de se ter é comprar.*

– Papai...

– Que é, minha filha?

– Compra o chalé de praia da Barbie? Eu quero tanto...

Filha na arapuca. Pai na arapuca.

Mas há uma saída. E, para ela, procuro sócios. Vamos começar a produzir o próximo e definitivo complemento para a bruxa de plástico: urnas funerárias para a Barbie. Por vezes o feitiço só se quebra com o assassinato da feiticeira – por bonitinha que ela seja...

10/1/94

## *Alegria*

*Não, eu não quero prazer! Eu quero alegria!* Era isso o que dizia uma das amantes de Tomás, o médico de **A Insustentável Leveza do Ser**. E Tomás ficava perdido porque prazer ele sabia dar, é coisa de receita fácil, mora no corpo. Mas alegria é coisa mais sutil, mora na alma, no lugar das fantasias e da saudade.

Há um jeito fácil de saber se o que se sente é prazer ou alegria. Basta prestar atenção no corpo. Se ele for ficando cada vez mais pesado, é prazer. Se for ficando cada vez mais leve, é alegria.

Todo mundo já experimentou isso num churrasco ou numa feijoada, a comida é gostosa, agrada boca e nariz, boca sempre cheia, dentes incansáveis, mais uma cervejinha e, aos poucos, a gente vai ficando desanimado, estufado, incomodado, não agüenta mais. Pena que o costume romano de ter um vomitório em cada refeitório tenha sido esquecido, quem sabe algum arquiteto imaginoso vai convencer um dono de restaurante a introduzir tal progresso no seu estabelecimento.

O prazer é sempre assim – ao final o corpo diz: *Chega! Não agüento mais!* E isso é verdade também para as coisas do amor carnal. No ônibus a mocinha incansavelmente se dedicava a abraçar, acariciar, apalpar, beijar, morder o namorado, coitadinha, pensando que assim os desejos dele seriam acesos de forma incontrollável e ele nunca mais a

abandonaria. Fiquei com dó dela, por não entender das coisas do prazer, e dele, pois de forma alguma gostaria de estar na sua pele. O final, que não presenciei, era inevitável: ela seria mandada embora. E era justamente isso que o Tomás fazia com todas as suas amantes: não deixava que nenhuma delas dormisse em sua casa. Terminada a orgia do amor, tratava de chamar um táxi e despachá-las para suas casas, porque sua maquineta de prazer não era realejo que fica tocando enquanto se gira a manivela. Há manivelas que, depois de algumas voltas, se recusam a girar de novo, ficam emperradas. Assim é a máquina do amor – tanto nos homens quanto nas mulheres.

Com a alegria é diferente. O corpo vai ficando cada vez mais leve; quanto mais come, com mais fome fica.

Você vai dizer que não pode ser, que não existe jeito de comer sem se encher. Pois eu digo que tudo tem a ver com a fome que se tem e com a comida que se come.

Foi justamente isso que pôs meu realejo de pensamento a funcionar. E esse realejo, posso assegurar, não precisa de manivela para produzir música, é moto-contínuo, movido por alegria, pois pensar é uma alegria, brincar com as idéias, como se fosse criança brincando: criança não se cansa, só pára de brincar por imposição dos superiores, pois brinquedo, além de dar prazer, dá alegria também. E é por isso que mesmo quando o corpo é obrigado a parar, a cabeça desobedece e continua a brincar. O que não é o caso do prazer, pois quem seria louco de continuar a comer a feijoada no pensamento, se o estômago não agüenta mais? Barriga que se encheu gostaria mesmo é de se esquecer do que comeu...

Uma outra diferença é que o prazer, para acontecer, precisa que a coisa exista. Ele precisa da feijoada, do churrasco,

da boca que dá o beijo. Já a alegria, para haver, não precisa que a coisa exista. O que me faz pensar que ela deve ser mais divina que o prazer pois, a se acreditar no Riobaldo, *Deus é aquele que é, mesmo quando não existe.*

A alegria é coisa de criança. Pois criança se alegra com qualquer coisa, bolinha de gude, pião, casa de toquinho, torre de dominó, panelinha de fazer comidinha, coisa do mundo de faz-de-contas. E percebi que também sou assim. Claro que meu pensamento sabe trabalhar as coisas importantes. Mas quando ele está livre e não lhe dou uma tarefa a cumprir, ele anda vagabundo como criança, do jeitinho do Menino Jesus como conta Alberto Caeiro, brincando com idéias sem importância, como os riachinhos, as cachoeiras, as saracuras, os pintassilgos, os pica-paus, as araucárias, um inútil monjolo velho, um forninho de barro que ainda não fiz, as galinhas d'angola que ainda não estão lá, uma casinha que vou fazer para a minha neta, tudo lá nos ermos da Mantiqueira, mesmo quando lá não estou, só na imaginação, que é o lugar onde a alegria vem, me faz virar menino e começo a voar como o Peter Pan.

Pra quem não sabe, é bom prestar atenção. Assim também é o amor. Para alguns, a dita pessoa amada é só objeto de prazer, feijoada, comeu, gostou, ficou cheio, enjoou... Para outros a pessoa amada é alegria leve do pensamento, que brinca com ela mesmo quando está longe. Esses estarão sempre com fome...

31/7/93

## O prazer

Quem lê o que escrevi sobre a alegria, talvez pense que eu estava dizendo que a alegria e o prazer não combinam e por isso não se encontram nunca; quando o prazer entra por uma porta, a alegria sai pela outra, como se o prazer estivesse condenado a ser sempre doce no começo e amargo no fim...

Fico até bravo quando me atribuem coisa tão perversa, pois quem me conhece sabe muito bem que acho que o prazer é uma dádiva divina. Se Deus não nos tivesse criado para o prazer, Ele (ou Ela) não nos teria dado tantos brinquedos para o corpo, como os gostos, os sons, as cores, as formas, os cheiros, as carícias, e não teria dotado o corpo de tantos órgãos eróticos. Os desatentos pensam que órgãos eróticos são só os genitais, não percebem que erótica é a boca, como naquela cena maravilhosa do filme **Nove Semanas e Meia de Amor**, a mais erótica que jamais vi, o amante, na cozinha, fazia a amante, de olhos fechados, morder e provar coisinhas de comer. Não é por acaso que *comer* tenha dois sentidos, nada mais vulgar que reduzir a erótica aos genitais e à cama, logo vira rotina cansativa, que trabalheira, que mão-de-obra, mas é preciso bater o ponto, e assim se prova o meu ponto, que o prazer sozinho acaba por ficar chato, e não percebem que eróticos são os ouvidos. Ah!, como a voz é taça que por vezes está cheia do néctar dos deuses, como também, por vezes, está cheia de uma mistura de losna e fezes. Infernal, erótico é o nariz – quem diria! – de cujas potências nos resta muito pouco, castrados do olfato que somos, tão diferentes dos cachorros

que, se fossem homens, não pintariam quadros com cores, pintariam quadros com cheiros – já imaginaram isso? – um museu de quadros pintados a cheiro? Eróticos são os olhos, boca cósmica, por meio deles comemos o universo inteiro, montanhas, árvores, rios, mares, a lua e as estrelas, as nuvens, tudo é comida, tudo entra. Dizia Neruda, *sou onívoro de sentimentos, de seres, de livros, de acontecimentos e lutas. Comería toda a terra. Beberia todo o mar.* A nossa infelicidade se deve a isso, que não podemos comer com a boca tudo o que comemos com os olhos. E duplamente erótica é a boca, de novo, primeiro porque dentro dela moram os sabores, e agora porque é o lugar supremo do tato, da carícia, o toque molhado dos lábios, a língua, o mordiscar, o beijo...

Dizem os teólogos que Deus fez todas as coisas. Dizem mais que, se Deus fez, é bom. Claro. Seria heresia imaginar que Deus tivesse feito coisa ruim e proibida.

Primeira conclusão: foi Deus que fez este festival de possibilidades de prazer.

Segunda conclusão: se Deus criou tantos jeitos de ter prazer, é porque ele nos destina ao prazer. Confesso que fico horrorizado com o fato de nunca, mas nunca mesmo, ter visto qualquer padre ou pastor pregar sobre o imperativo divino de ter prazer na vida. Ao contrário, estão sempre advertindo, graves e solenes, sobre os perigos do prazer, como se ele fosse coisa do Diabo. Me contaram (recusei-me a acreditar, pelo absurdo da coisa, mas me garantiram ser verdade), que num curso para casais, aconselhava-se que os noivos, sempre que tivessem de ter uma relação sexual (depois de casados, é claro), que se dessem as mãos e rezassem um **Padre Nosso**. Ai, se eu fosse Deus fulminava um religioso desses com um raio! Pois é

mais ou menos como se eu desse uma boneca para a minha neta e lhe dissesse: *Olha, Mariana, todas as vezes que você quiser brincar com a sua boneca, chama o vovô ao telefone para pedir permissão, tá?*

Pelo que conheço dos doutores em coisas divinas, de cuja companhia privei por longos anos, eles têm idéias diferentes sobre Deus. Pintam-no sempre de cenho carregado, não há registro algum de que ele jamais tenha dado uma boa risada, o que nos obriga a concluir que ele não tenha senso de humor, sempre com seu enorme olho sem pálpebras aberto (e sem pálpebras para não fechar nunca, para não deixar passar nada, *Deus te vê, cuidado cora o lugar onde você põe a mão*; ao dormir, nos colégios de freiras, as meninas tinham de dormir com as mãos sobre as cobertas). Sua biblioteca só tem livros de ética, ordens, ameaças, advertências, nenhum livro de estética, ou erótica, ou ficção, a despeito de Nosso Senhor Jesus Cristo ter dito que no Reino de Deus só entram crianças, o que nos obrigaria a concluir que Deus também é uma criança, como o fez o Alberto Caeiro, nunca li um tratado sobre os brinquedos de Deus... E eu me pergunto: *Como é possível arear um ser assim?*

Acho o prazer uma coisa divina. Para ele fomos feitos. O amor, o humor, a comida, a música, o brinquedo, a caminhada, a viagem, a vadiagem, a preguiça, a cama, o banho de cachoeira, o jardim – para estas coisas fomos feitos. Para isso trabalhamos e lutamos: para que o mundo seja um lugar de delícias. Pois esse, somente esse, é o sentido do Paraíso: o lugar onde o corpo experimenta o prazer.

31/8/93

## O telefone

São duas e meia da madrugada. Já faz três horas que estou travando uma batalha de seis contra a insônia: durante a insônia o tempo é contado em dobro. Tento, em vão, pôr um fim à baderna que as idéias resolveram fazer na minha cabeça. Mentalizo uma escuridão total, na esperança de que as idéias pensem que a festa acabou. Inutilmente. O baile continua. Pensamento pode ser coisa infernal, moto-contínuo, máquina que não pára. Por mais que supliquemos. Bastaria que ela parasse por um segundo apenas: seria o suficiente para que o sono viesse, com o seu abençoado esquecimento. Mas a máquina de pensar não tem misericórdia.

Desisto da luta. Diz o ditado inglês: *If you cannot beat them, join them*. Resolvo entrar no baile. Ponho-me a dançar com um telefone, pois foi com ele que tudo começou.

O dia tinha sido muito cansativo. Arrastei-me de volta para a casa, o corpo pedindo um banho, a boca pedindo sopa, pão com alho e tomate, os olhos pedindo momentos de doce torpor hipnótico diante da televisão. Depois, o sono. Às dez e meia eu já estava dormindo.

Mas meu nirvana durou pouco. Logo soou a campainha do inferno, acordei assustado sem saber que horas eram, telefonema no meio da noite só pode ser coisa ruim, que teria acontecido? O coração acelerado, tirei o fone do gancho:

– Alô!

– É o Rubem?

A voz, do outro lado, era leve e tranqüila. Vi logo que coisa grave não seria.

– Sim, é o Rubem... – Que alegria!

A pessoa se identificou. Era gente querida, que chamava de muito longe.

– Eu estava lendo um livro seu, senti saudades, resolvi telefonar. Não tenho nada de especial para dizer. Só queria ouvir a sua voz.

Conversamos um pouquinho, meu coração comovido com aquela prova de amor. Mas o meu corpo estava bravo. Por mais que eu argumentasse ele não se conformava de ter sido arrancado do sono. Tentei acalmá-lo, mostrando que não havia razão para tanta braveza. O melhor seria voltar para a cama e dormir. Afinal de contas, não era tão tarde assim, apenas onze e meia. Ele me disse que não aceitava explicações. E, como prova de sua raiva, jogou areia e pimenta nos olhos.

Tentei argumentar de novo. Citei Santo Agostinho: *Ama e faz o que quiseres*. Até aquele momento esta fórmula ética tinha sido, para mim, absoluta. O argumento se desenrolava como um silogismo. Aquele telefonema fora fruto do amor. Conclusão: estava, portanto, moralmente justificado. *Mas meus olhos cheios de areia e pimenta retrucaram: Agostinho só disse isso porque na casa dele não havia telefone. Se houvesse a sua máxima teria sido um pouquinho diferente: Ama e faz o que quiseres. Mas, no caso do ato de amor ser um telefonema, por favor, veja antes que horas são!*

Entreguei os pontos, convencido. Abandonei-me à raiva daquela insônia. Ato de amor por vezes são terríveis. E me pus a pensar sobre esse tirano, o telefone.

Alguns cientistas têm estado a debater se telefone celular causa ou não câncer. Como estão equivocados! A verdade é o oposto. É o câncer que produz o telefone celular. Telefone celular é uma doença, evidência de perturbação mental. Pois só pode ser louco quem quer carregar um chato a tiracolo.

Para início de conversa, é o tipo mais mal educado que conheço. A gente ensina aos filhos boas maneiras, pedir licença, não interromper a conversa. Para o telefone isso não vale. Invade casa e quarto a qualquer hora, aos gritos, sem pedir licença, em completa desconsideração por aquilo que se está fazendo, pouco lhe importando que a pessoa esteja dormindo, no banheiro, trabalhando, rezando ou fazendo amor, e só pára de gritar quando seu desejo é atendido. O ato de atender ao telefone, parece-me, dá ao outro a impressão de que estávamos ali, à espera, com todo o tempo do mundo disponível.

E o pior é que todo mundo obedece. Já reparam o pandemônio que ele cria numa casa com seus gritos histéricos? E como se fosse um rei, cujas ordens têm de ser obedecidas imediatamente.

E, depois, vêm os insultos. Para mim, o mais detestável é quando a telefonista atende e diz: *Um momentinho só!* E, sem nos consultar, põe o telefone sobre um rádio. E ali fico eu, sem alternativas, obrigado a ouvir anúncios, música caipira ou rock pois, se não o fizer, não saberei quando a pessoa atende. Há também a situação inversa, quando o outro nos chama e a telefonista diz: *Um momento, por favor!* Aí, toca a procurar a pessoa que fez a chamada que, naquele momento, deve estar num outro lugar e que imagina que o seu tempo é precioso demais para esperar, somos nós, desocupados, os que temos de

ficar esperando. Mas isso eu resolvo fácil. Conto até dez e desligo. Se chamar de novo, digo que a linha caiu.

Depois dos insultos, as humilhações. A telefonista atende, digo com quem desejo falar e ela pergunta: *De onde?* Fico perplexo. Desde quando deixei de ser uma pessoa para transformar-me num lugar? Pois a pergunta *de onde?* pressupõe que o que importa, o que me define, é o lugar onde estou. Sou onde estou! Que filosofia besta! Resolvo brincar. A sua pergunta sobre o *onde* respondo com o meu endereço. *Não, não*, ela me interrompe, espantada com a minha burrice. *O nome da sua firma...* Pergunto de volta: E se eu não tiver firma? E ela se cala. Não lhe ensinaram como proceder em tal situação. Ela não sabe o que fazer quando, do outro lado da linha, quem fala é uma pessoa e não um lugar.

Estou com raiva do telefone. A pimenta e a areia transbordaram dos olhos. Entraram nos pensamentos. Vou voltar para a cama, na esperança de poder dormir e desejoso de que não haja outro telefonema de amor que me acorde.

12/12/93

## *Dr. Simão Bacamarte*

O doutor Simão Bacamarte não me sai da cabeça desde que vi **O Alienista** na televisão. É que nós dois somos colegas de profissão, *médicos de almas...*

O doutor Simão Bacamarte saiu da cabeça de Machado de Assis. Mas, pra sair, teve antes de entrar. É possível que o escritor o tenha conhecido pessoalmente, ou que tenha mesmo conhecido muitos deles. E pode até ser que tenha sido objeto involuntário de diagnóstico de algum deles. Algum doutor lhe deve ter dito que ele apresentava sinais de alguma loucura, demência ou psicose. E ele, por vingança, escreveu o livro como um espelho para o atrevido...

O doutor Simão Bacamarte era pesquisador incansável, convencido da verdade absoluta da ciência e resolvido a levar suas conclusões até as últimas conseqüências em todas as áreas da vida, do seu rigor não escapando nem mesmo as coisas do amor, que no seu léxico era referido não como prazer, mas como dever de trabalho. Pois o doutor Bacamarte não fazia esse trabalho nunca sem antes registrar observações precisas sobre batimentos cardíacos, temperatura e pressão sanguínea nele mesmo e em seu assistente de experiências que era a sua mulher.

Digo isso à guisa de introdução preliminar explicativa do seu rigor em relação à sua ciência. Médico de almas, tinha teorias precisas sobre a loucura. Acreditava que a loucura era uma doença insidiosa que ataca todas as pessoas, o problema

médico sendo não o do tratamento, pois para isso já há instituições especializadas, onde os enfermos da alma são internados e devidamente tratados; o problema está no diagnóstico, pois que uma das características da loucura é que os seus sintomas aparecem sempre de forma dissimulada, com o propósito de enganar, sendo sua forma preferida de manifestação a dissimulação da saúde mental: o maior sintoma da loucura é a normalidade psíquica. Toda pessoa com saúde mental aparente é um psicopata latente. Assim, movido por suas convicções científicas e por um louvável zelo terapêutico, o doutor Bacamarte se entregou a uma campanha de saúde mental que previa a internação compulsória de todos os loucos, sendo que a ciência, incorporada na sua própria pessoa, seria o árbitro imparcial que decidiria quem deveria e quem não deveria ser internado.

Ao final, a cidade inteira acabou trancada no hospício, ficando de fora apenas o doutor Simão Bacamarte. Acho que o doutor Simão ainda anda solto pois, pelo que leio e ouço, há muitas pessoas que acreditam em suas teorias, muito embora não tenham os meios de implementá-las. Já me disseram que psiquiatras, psicanalistas e psicólogas têm sempre um jeitão sinistro e misterioso, como se estivessem vendo coisas terríveis que os outros não vêem. O lago está lá, manso e bonito, as águas refletindo o céu azul e as árvores, e eles tocam logo o alarme, dizendo que não se pode nadar naquelas águas, pois está cheio de piranhas e monstros noturnos. Bachelard, desconfiando, disse que os psicanalistas, sempre que vêem uma flor, vão logo perguntando: *Onde está o estrume?* Por todo lugar apontam para a presença de fezes explosivas e urinas envenenadas pois, a se acreditar em suas teorias, é disso que é feito o inconsciente de todo mundo. E até mesmo os pacientes

concordam, e ao virem para a terapia têm esperanças de experiências infernais de peregrinações pelos infernos e purgatórios de Dante, pelas **Tentações de Santo Antão**, de Bosch, ou pelo **Grito**, de Münch, e se isso não acontecer é porque a terapia não foi fundo o suficiente pois, no fundo mesmo, o que existe é a loucura...

Pois eu confesso que me descubro fazendo justamente o contrário. Lembro-me da moça que chegou com a queixa de que estava louca, precisava tratamento drástico, sua evidência para isso era que ao cortar uma cebola, coisa que já fizera centenas de vezes, teve um espanto repentino, como se estivesse vendo a cebola pela primeira vez (os zen-budistas chamariam isso de *satori*, a abertura do terceiro olho) e ficou encantada com a sua beleza, e de repente tudo ficou lindo, os objetos mais banais ficaram coloridos, psicodélicos, e até num grão de areia se via o reflexo da eternidade...

Prato cheio para um psicanalista que se preze. Eu poderia, pela figura literária da metáfora, passar da cebola ao seio materno, e com o auxílio da parafernália kleiniana, falar sobre o *seio bom* e o *seio mau*, para mostrar, a seguir, que a experiência de gozo estético apareceu quando a lâmina cortou a cebola, quando o ódio cortou o seio, e daí passaria a falar de sadismo e sobre o ódio inconsciente pela doce mãezinha. E assim, pela alquimia da interpretação, eu teria pulado da experiência do belo para a realidade do horror...

Só que eu não fiz nada disso. Disse que ela não estava louca coisa nenhuma, que tinha era virado poeta, e que tratasse de gozar sua nova bem-aventurança, e disse também que Neruda, a quem ninguém se atreveria chamar de louco, havia

escrito uma linda **Ode à Cebola**, descrita como *rosa d'água* envolta em *escamas de cristal*...

Entendem por que o doutor Simão Bacamarte não me sai da cabeça? Estou com medo de sofrer de sua doença ao contrário – de achar que sem uma dose de loucura todos nós estamos loucos... E é por isso que vivo aconselhando todo mundo a ler poesia, pois só assim nos salvaremos da nossa banal e chata normalidade...

10/7/93

## *As idéias loucas...*

Fui subitamente invadido pelo medo de que os meus leitores, ao tomarem conhecimento das idéias malucas que passam pela minha cabeça, concluíssem que devo ser meio louco, estado inadmissível em alguém que pretende ser um médico de almas.

Pois desejo tranquilizá-los. Depois de muito meditar sobre o assunto, às avessas do doutor Simão Bacamarte, cheguei à conclusão de que nenhuma idéia, por louca que seja, é louca. Quem pensa idéias loucas não é louco.

Essa afirmação, eu imagino, ao juízo dos meus leitores, é prova de minha loucura. Ao invés de me inocentar pela minha explicação, acabo por confessar a minha culpa.

Se eu sou louco vou para o hospício na companhia de pessoas muito interessantes. Por exemplo, a Cecília Meireles, que teve a idéia louca de que seus olhos eram dois peixes que nadavam no fundo do mar, lugar onde se encontrou com os olhos de um outro louco parecido, o poeta T. S. Eliot que, a se acreditar em suas palavras, também gostavam de nadar no azul profundo.

E o Fernando Pessoa que, de forma desavergonhada, insistia em contar uma mentira, dizendo que um dia o Jesus menino se encheu da chatura dos céus e baixou no seu quintal, tendo os dois, o Deus e o Poeta, se tornado bons amigos e mesmo jogado as cinco pedrinhas.

Depois o Drummond que, mais louco do que eu, se entregava a divagações sobre se Deus era canhoto, para ele a única explicação possível para a condição sinistra do nosso mundo.

Também o Lewis Carroll, que conversava não só com um coelho que usava relógio como também com as cartas do baralho, além de viver se gabando do seu poder de atravessar o espelho sem quebrar o vidro.

Aquele cego vidente assentado à biblioteca é Jorge Luis Borges que tem nas mãos mapas imaginários de lugares que não existem, como Tlon, Uqbar, Zahir e Aleph, e sobre os quais discorre longamente com uma profusão de detalhes que até nos faz suspeitar que ele deve ter estado lá... na Terra do Nunca...

Os pintores são os mais loucos de todos. Bosch pintou animais de três cabeças, corpos com órgãos vegetais, como se árvores fossem e, de forma despudorada e suspeita, indivíduos nus com ramos floridos enfiados naquele lugar íntimo, assim transformado em vaso de flor, por artes do pintor.

Salvador Dali exhibe seus relógios surrealistas, moles como panquecas, ao lado dos rios que sobem morros, do Escher, e a monstruosa menina ao espelho, de Picasso.

Todas essas são idéias completamente loucas. Se qualquer um deles chegasse ao doutor Simão Bacamarte e, deitado no divã terapêutico, se pusesse a relatá-las, seria imediatamente internado no hospício. Mas nenhum deles foi internado por ter tido tais idéias e visões. Pelo contrário, foram honrados como artistas e alguns conseguiram mesmo ficar ricos com tais loucuras.

Compreendem agora o que eu disse no início, que nenhuma idéia, por louca que seja, é louca? O que faz um louco não é a loucura da idéia. É a força da idéia.

O louco tem idéias fortes. O não-louco tem idéia fracas. De novo digo uma doidice, pois todo mundo sabe que a verdade é o contrário; doido é pessoa fraca de idéias, enquanto que os não-loucos têm idéias fortes.

Errado. Os não-loucos sabem que as idéias são entidades fraquinhas, meras bolhas de sabão sem poder, não podem fazer nada, brinquedos etéreos com que a cabeça se diverte. Por isso as idéias não os assustam. Nem mesmo se mexem quando a sala se enche de elefantes, não têm medo de bichos de três cabeças e nem se apavoram com a visão de rituais sexuais invertidos e perversos. Eles sabem que aquilo tudo é só idéia, coisa do mundo do *faz-de-conta...* Assim sendo, apressam-se em brincar com as idéias loucas, transformando-as em literatura, poesia, pintura... A alegria da cabeça se faz assim: com idéias loucas, fracas.

Já o louco, coitado, não sabe disso. A idéia louca aparece, ele não sabe que a idéia é fraca e não pode fazer nada, pensa que ela é forte, de verdade... O elefante, ao invés de virar estória, pisa no sofá. O bicho de três cabeças, ao invés de virar quadro, morde a sua orelha. E o ritual sexual, ao invés de virar filme pornô, entra no quarto dele e ele acaba estuprado...

Pra deixar de ser louco não é preciso mudar de idéia. É só pegar a idéia e transformá-la em arte e poesia. Assim, não pensem que estou louco. O que eu gosto mesmo é de brincar com as idéias. E os brinquedos – quanto mais loucos, mais divertidos... Assim, pra se livrar da loucura é fácil: basta ter o poder de rir das idéias loucas e brincar com elas. O mundo é

um circo de coisas loucas, soltas e enjauladas. Seja, desse circo, o palhaço... Siga o conselho do Mário Quintana que dizia que, para afugentar o dragão que corre atrás da gente soltando fogo pela boca, basta olhar para ele e dizer: *Fifi! Fifi!* Não há dragão forte que resista ao poder de uma palavrinha fraca que provoca o riso...

24/7/93

## O saco

Como parte do meu programa de rejuvenescimento – pois estou firmemente decidido a voltar a ser criança – entreguei-me às delícias da leitura do livro de Jonathan Swift, **Viagens em Diversos Países Remotos do Mundo, em quatro partes, por Lemuel Gulliver, a Princípio Cirurgião e, depois, Capitão de vários Navios**, vulgarmente conhecido pelo título abreviado de **As Viagens de Gulliver**. O que é uma pena, pois a abreviação omite uma informação, valiosíssima para todos os moços que hoje ou estão na euforia de haverem passado no vestibular, ou na tristeza de não terem passado; informação sobre os descaminhos da escola profissional, pois o herói, que era cirurgião, de repente, lá no meio da vida, percebeu que havia feito o vestibular errado, não deveria ter entrado na escola de medicina, pois o que ele desejava mesmo eram as aventuras de comandar navios por mares desconhecidos.

Se acham que isso é impossível, eu digo que não, pois tenho um amigo que, vivendo nas Montanhas Rochosas, nos Estados Unidos, e com a profissão de *médico de almas*, pastor protestante, disse adeus a tudo e me escreveu uma carta logo antes de partir de viagem, no comando do seu primeiro navio.

O prazer da leitura hoje, quando estou navegando ao contrário, da velhice para a infância, é totalmente diferente daquele que tive quando li o livro pela primeira vez, quando eu navegava da infância para a velhice. Só se pode ser criança direito depois de ter sido velho. Pois, naquele tempo, eu não

podia entender o que ele estava dizendo, coisas que entendo agora e, se na minha viagem de volta à infância, eu não chegar à idade de desaprender a escrita, terei de contar algumas das maravilhas que Gulliver relata.

Por hoje, interessa-nos a visita que ele faz a uma famosa instituição de ensino superior no país de Lagado, que reunia muitos pesquisadores de renome, parecida, eu imagino, com as nossas universidades. Pois ali, entre os mais diversos projetos de investigação científica, havia os lingüistas, que se dedicavam a aperfeiçoar a linguagem do seu país, com o objetivo de facilitar a compreensão entre os homens. Convencidos de que muitas brigas e desavenças se deviam apenas a desentendimentos provocados pela ambigüidade das palavras, concluíram que tais querelas desapareceriam totalmente se as palavras, fonte dos desentendimentos, fossem substituídas pelas coisas que elas devem significar. Os filósofos e cientistas abandonaram então o uso da palavra e passaram a carregar em sacos os objetos sobre os quais queriam falar. E ele relata: *Vi muitas vezes dois sábios quase caindo ao peso de seus fardos os quais, quando se encontravam na rua, punham no chão a carga, abriam os pacotes e conversavam durante uma hora, em seguida guardavam os apetrechos, ajudavam um ao outro a pôr o fardo às costas e despediam-se.*

Se esse novo jeito de comunicação eliminava os desentendimentos, tinha certos inconvenientes. Por exemplo, um zoólogo teria dificuldades em arrastar seu saco de animais pelos caminhos, não só porque ele deveria ser do tamanho da Arca de Noé, como também pela confusão que os animais aprontariam.

E aí eu pensei se não deverá ser muito maior que a Arca de Noé o saco dos nossos pobres adolescentes, arrastando o

seu saber para fazer seus exames vestibulares. Se disserem que idéias não têm peso e nem ocupam espaço, direi que estão redondamente enganados. A mente tem sua própria geometria e sua própria física. E o problema é que eles deverão levar elefantes, dinastias de faraós egípcios, batalhas, bibliotecas inteiras, países e mares, pois nunca se sabe sobre o que versará a conversa do tal exame.

Pelo que Gulliver relata, o projeto foi abandonado por razões óbvias. O corpo não é trouxa de ficar arrastando um saco daquele tamanho. E é justamente isso que vai acontecer com os que passaram no vestibular: já que eles sabem que não mais terão necessidade de falar sobre aqueles assuntos todos, e nem haverá ocasiões para tal, eles irão progressivamente esvaziando o saco das inutilidades que ali foram colocadas, até chegarem à condição bem-aventurada de professores universitários, que só carregam nos seus sacos aquilo de que têm necessidade nos seus afazeres. Pois essa é uma lei de memória: aquilo que não é usado, é esquecido. O vestibular, assim, revela-se apenas um penoso, dolorido e obtuso exercício mental, cujos resultados estão condenados ao quase total esquecimento. Tenho feito e repetido um desafio, que ninguém se atreveu até hoje enfrentar: que os professores universitários, com seus mestrados e doutoramentos, se submetam aos ditos exames, do jeitinho como os adolescentes, para testar a sua performance. Minha aposta é que uma altíssima porcentagem seria reprovada, eu entre eles, o que não quer dizer que os professores sejam incompetentes: quer dizer apenas que o tal exame não faz sentido. Desafio os responsáveis pelos vestibulares a fazerem essa prova no ano que vem, só pelo humor dos resultados...

Começa agora um novo estágio: os que passaram podem se entregar às delícias do esquecimento, esvaziar o saco. Os que não passaram, se matricularão nos cursinhos para preencher os seus sacos que não estavam suficientemente cheios, na esperança de que o dia chegará em que poderão esvaziá-los para só colocar dentro deles o que fizer sentido para sua vida e trabalho.

7/2/94

## *Hora de esquecer*

*E o que eu desejo para mim e para você é esquecimento...*

Coisa estranha de se desejar, parece mais uma maldição – pois quem é tolo de querer perder a memória? Eu mesmo vivo falando sobre a felicidade que mora nas lembranças e até mesmo acho que não está errado dizer que somos o que lembramos. Por isso gosto de contar casos, que é um jeito de fazer amor, dar aos outros pedaços da minha vida que o tempo já matou e enterrou, mas que a maga memória faz ressuscitar. *Aquilo que a memória amou fica eterno*, disse Adélia Prado, e eu não me canso de repetir. A memória é a presença da eternidade em mim. E é para isso que preciso dos deuses, para que eu nunca esqueça, para que o passado volte sempre...

Recordo as **Confissões**, de Santo Agostinho. Releio seu maravilhoso capítulo sobre a memória, a meditação mais lúcida e profunda jamais escrita sobre o assunto. Diz ele: *Palácio maravilhoso, caverna misteriosa, dentro da memória estão presentes os céus, a terra e o mar... Dentro dela eu me encontro comigo mesmo...* É nela que moram os segredos da vida e da morte... E andando pelos seus caminhos, o santo vai à procura do obscuro objeto da nostalgia que faz o seu coração doer, e que beleza alguma é capaz de curar. Ele entra na memória como amante que vai à procura da amada, perdida...

E venho eu e desejo a todos o esquecimento... É que, por vezes, é preciso esquecer para poder lembrar...

Pois a memória, como o próprio santo notou, *é o estômago da mente...* Para ali vão as comidas mais variadas, umas saborosas e de digestão fácil, outras amargas e impossíveis de serem digeridas. Quando isso acontece, o corpo se contorce e enjoa, e coisa alguma é capaz de fazê-lo feliz. Até que o próprio corpo se aplica o remédio, vomita, e assim se livra da comida que o fazia sofrer.

Memória, estômago: há nela coisas que precisam ser vomitadas, para que corpo possa de novo se alegrar. Pois o esquecimento é a memória vomitando o que faz o corpo sofrer.

Por isso que Roland Barthes dizia que é preciso esquecer a fim de ficar sábio.

Por isso que Alberto Caeiro dizia que o que ele desejava era desaprender, raspar de sua pele a maneira de sentir que lhe haviam ensinado, para poder, de novo, sentir o gosto bom de si mesmo.

Somos como um navio em que os detritos do mar vão se grudando, em meio ao muito navegar.

De tempos em tempos é preciso que o casco seja raspado, para voltar de novo a deslizar suave pelas águas.

Os detritos da memória depositam-se em nossos olhos, transformam-se numa nuvem leitosa, opaca, catarata, e nos tornamos cegos para o mundo a nossa volta. O mundo inteiro, então, se transforma num monte de detritos.

É preciso esquecer para poder ver com clareza. É preciso esquecer para que os olhos possam ver a beleza.

As Sagradas Escrituras contam a saga da mulher de Ló. Deus permitiu que o casal fugisse das cidades amaldiçoadas de

Sodoma e Gomorra sob a condição de que não olhassem para trás, enquanto o fogo do céu as consumia. A mulher não resistiu à curiosidade, olhou para trás, e foi transformada em estátua de sal. Quem fica com os olhos fixados no passado se torna incapaz de ver o presente. E quem não tem olhos para o presente está morto.

Esquecer. Ver com olhos de criança – sem memória.

Mas nem sei por que estou dizendo todas estas coisas para explicar o meu desejo de esquecimento, quando o que eu quero dizer já foi dito por Alberto Caeiro:

*O essencial é saber ver/ uma aprendizagem de desaprender/  
Saber ver sem estar a pensar/ Saber ver quando se vê/ Ver  
com o pasmo essencial que tem uma criança, ao nascer/  
Sentir-se nascido a cada momento/ para a eterna novidade do  
mundo...*

É isso que desejo para você e para mim, no início de cada ano: esquecimento. Tomar um banho. Deixar a água correr pelo corpo... Sentir os detritos do passado se despregando, e entrando pelo ralo. Recuperar o corpo sem memória da criança, para ver o mundo como se fosse a primeira vez...

5/2/93

## *Preferiram morrer*

A notícia era curta e vinha espremida no meio das outras. As outras eu esqueci. Mas esta não me sai da cabeça. Relata o suicídio de crianças em Hong Kong. Uma menina de 5 anos, um menino de 10, um de 11 e um de 14, todos eles saltando dos apartamentos onde moravam. Com estes quatro, elevasse a 13 o número de crianças que se suicidaram desde o início das aulas, em setembro do ano passado. Não se trata de um fenômeno novo, pois naquele ano foram 17 os estudantes que se mataram. Coisa semelhante vem acontecendo no Japão.

Albert Camus, no seu livro **O Mito de Sísifo**, declara que o suicídio é a única questão filosófica verdadeira, pois ele tem a ver com o dilema com que todos temos de nos defrontar: se a vida vale ou não a pena ser vivida. Algumas pessoas são de opinião de que o suicídio só pode ser compreendido como resultado da loucura. Não concordo. Acho que, com muita frequência, é para fugir da loucura que as pessoas se matam. Eu tendo a concordar com Hermann Hesse, quando ele afirma ser de opinião que a pessoa que se mata usa, para se matar, o mesmo direito que têm os outros de morrer de morte natural. *Lembro-me de muitos suicidas, ele diz, e considero sua morte mais natural e sensata do que de outros que não se suicidaram.*

Lembro-me de um casal que conheci e aprendi a respeitar, quando estive pela primeira vez nos Estados Unidos. Ele era um homem brilhante, de vitalidade fulgurante e palavra fácil, presidente de uma tradicional instituição de ensino teológico. Já velho teve um derrame, ficou praticamente paralisado,

perdeu a capacidade de falar, que era toda a sua alegria, e os dois se descobriram condenados a uma solidão sem remédio. Sem nenhuma esperança que lhes desse razões para viver, o suicídio lhe apareceu como a única alternativa para aquela situação sem saída. Arthur Koestler e sua mulher fizeram a mesma coisa. Por vezes é a dor sem sentido que torna a vida insuportável e é freqüente que os torturados apelem para o suicídio como a única forma de fugir à crueldade do torturador.

Outros – e eu penso que os poetas Maiakovski e Ana Cristina César se enquadram neste caso – se suicidaram por não vislumbrar esperanças de escapar das câmaras de tortura que existiam dentro de sua própria alma.

O que leva ao suicídio não é o sofrimento físico. Nós temos uma capacidade quase infinita de suportar a dor, desde que haja esperança. Enquanto existe esperança, a vida luta. Até mesmo se diz que a esperança é a última que morre. Mas o mais certo seria dizer: a penúltima. Porque a sua morte é o prenúncio da última morte, a morte daquele que conclui que não há mais razões para viver. Quando morrem as razões para viver, entram em cena as razões para morrer.

Concordo com Camus, quando ele diz que *um ato como este é preparado no silêncio do coração, como uma grande obra de arte*. O ato suicida não é somente um ato físico que põe fim à vida. O futuro suicida imagina os outros, os seus olhares, sentimentos e pensamentos, diante do seu corpo morto. O seu ato é um gesto que deseja ser compreendido, uma palavra que deseja ser ouvida.

Aquelas crianças, que experiência terrível as teria levado a concluir, após uns poucos anos de vida, que era preferível morrer?

Elas não estavam doentes e não passavam por privações físicas: viviam num paraíso de progresso, um dos tigres asiáticos, aqueles países que se têm destacado pela capacidade de produzir riqueza.

Eram estudantes. Frequentavam as escolas. Nas escolas elas eram preparadas para entrar neste fabuloso mundo de ciência, tecnologia, trabalho e riqueza...

E, no entanto, isso não lhes deu razões para viver.

Talvez, ao contrário, tenha sido este mesmo mundo, representado pelas escolas, que lhes tenha dado razões para morrer. A notícia afirma que seu suicídio estava ligado às pressões insuportáveis que as escolas lhes impunham, no sentido do desempenho intelectual. Pois é com isto que o progresso é feito. O progresso é feito com competição impiedosa. Não há nele lugar para aqueles que são sensíveis aos valores suaves. Apenas os implacáveis sobrevivem.

Acho que aquelas crianças concluíram que não valia a pena viver num mundo como este. Suicidaram-se por não suportar a violência que a produção da riqueza exige. No mundo da riqueza, toda criança deve ser destruída a fim de ser transformada numa unidade de produção econômica. E é para isto que são mandadas às escolas.

As plantas mais delicadas são as primeiras a morrer. Sobrevivem os cactus, os espinhos, as espécies selvagens, as parasitas ferozes...

Mas isso aquelas crianças não queriam ser... Se lhes tivesse sido dado uma chance de viver é possível que se tivessem transformado em poetas... O seu último gesto, na verdade, foi um poema sem palavras. Lançaram-se no vazio, quiseram transformar-se em pássaros...

“...e seguindo a canção...”

Pensei nele e logo a sua imagem começou a chamar outras parecidas que se encaixassem no quebra-cabeças de loucura e coragem que estava à minha frente. A primeira imagem a atender o chamado veio de uns versos da Cecília Meireles, no **Romanceiro da Inconfidência**, n. XXXI: *Por aqui passava um homem/ – e como o povo se ria! – / que reformava este mundo do alto da montaria/ E cavalgava.../ E a marcha era tão segura/ que uns diziam: “Que coragem!”/ E outros: “Que loucura!”/ Lá se foi por esses montes,/ o homem de olhos espantados,/ a derramar esperanças/ por todos os lados./ Por aqui passava um homem.../ – e como o povo se ria! – / No entanto, à sua passagem/ tudo era como alegria.*

Já adivinharam sobre quem estou falando? Eu sei que a Cecília está falando sobre o Tiradentes. Mas essa imagem só apareceu atendendo ao chamado de uma outra. E essa outra, quem é?

Aí me apareceu uma cena de um país distante. Um homem magro, baixinho, calvo, feio, sexagenário. Ele caminha a pé, descalço, numa viagem de 300 quilômetros a serem vencidos. Poderia ter feito a viagem de trem. Por razões só conhecidas do coração, preferiu ir a pé. Não queria chegar logo. O importante não era o que todos pensavam que ele iria fazer, ao chegar; eram os sentimentos e pensamentos dos milhões que seguiam, nos sonhos, enquanto ele ia... Daqueles sentimentos e pensamentos um povo iria nascer. Seu nome: Mahatma Gandhi. O governo inglês havia proibido aos indianos de produzir o seu próprio sal, para obrigá-los a

comprar dos dominadores aquilo que o mar oferecia como dádiva. Como os magos, o magro corpo solitário seguia uma estrela que apontava para o mar. E enquanto ele ia, o povo dizia: *Que coragem! Que loucura! Conseguirá?* Até que chegou ao destino proibido, e fez então o gesto fraco, prometido: tomou, na concha das mãos, um pouco de água do mar!

Ah! Como os políticos se riam! Todo aquele suor e cansaço por causa daquela agüinha com sal... Olhavam para a água que se escoava entre os dedos e não viam o povo que nascia. Não era o sal que importava. Importava que os indianos encolhidos ganhassem coragem para lutar. E o povo inteiro tremeu, chorou, e se descobriu bonito, e ficou alegre, e virou guerreiro. É preciso ter alegria para saber guerrear...

E a outra imagem, aquela que chamou o poema da Cecília, aquela que me fez lembrar a longa caminhada para o mar? E o rosto do Betinho...

O que se diz é que ele está a fim de dar comida a quem tem fome. Muitos se riem, dizendo que isso é tão impossível quanto reformar o mundo do alto da montaria, tão inútil quanto tomar a água do mar nas mãos... Talvez seja. Mas eu acho que o Betinho, talvez sem saber e sem querer, está mesmo é fazendo uma outra coisa. Barriga vazia se resolve com arroz e feijão. Mas logo as barrigas ficam vazias de novo, e as pessoas aparecem na sua triste condição de pedintes miseráveis. É preciso que não haja famintos mendigando pão. Para isso, é preciso que sejamos um povo. Mas a fome de um povo não se mata com arroz e feijão. Não só de pão viverão os homens e as mulheres... Um povo precisa comer beleza pra querer viver. Povo, para existir, há de se sentir bonito. *Há de ter sonhos*, dizia Santo Agostinho. *Há de marchar com a banda*, dizia o

Chico. *Há de seguir a canção*, dizia o Vandrê. *É isso que o povo pede de nós*, dizia o poeta Tagore, *uma canção...*

O Betinho só fez apontar numa outra direção e mostrar que existe muita coisa bonita em todo lugar, escondida e silenciosa. O Brasil não é essa gororoba infernal de feiúra que os políticos nos têm obrigado a comer. Ele está cheio de pessoas modestas, que trabalham duro, que ganham pouco, e a despeito disso são generosas, honestas, verdadeiras. Acho que essa é a coisa maior que está acontecendo: o Betinho nos tem ajudado a sonhar de novo. E com isso acontece o que importa mais: renasce o povo.

Agora, uma palavra de advertência ao Betinho. Lembre-se do que aconteceu a Tiradentes e a Gandhi.

Os políticos não toleram beleza. Basta que ela apareça, para que eles se roam de inveja. Especialmente você, que publicamente fez uma declaração antipartidos: *Não aceito ser dirigido por outra pessoa. Nem mesmo se a população brasileira toda votar numa pessoa me sentirei obrigado a segui-la. A maioria não faz verdades.*

Com isso você se condenou. Porque política é o jogo de **boca de forno**. Quando as bases respondem: *Faremos todos, faremos todos*, nasce um partido. Mas você disse que não fará. O provável é que você vá numa direção e os partidos sigam em outra. Mas não ligue não. Os partidos irão sozinhos. Acho que o povo está aprendendo a seguir a canção...

6/2/94

## *Eternamente*

## *Sobre deuses e rezas*

Perdida no meio dos viajantes que enchiam o aeroporto, ela era uma figura destoante. A roupa largada, os passos pesados, uma sacola de plástico pendurada numa das mãos – esses sinais diziam que ela já não mais ligava para a sua condição de mulher: não se importava em ser bonita. Pensei mesmo que se tratava de uma freira. Seu comportamento era curioso: dirigia-se às pessoas, falava por alguns momentos, e como não lhe prestassem atenção procurava outras com quem falar. Quando vi que ela tinha uma Bíblia na mão compreendi tudo: ela se imaginava possuidora de conhecimentos sobre Deus que os outros não possuíam e tratava de salvar a alma deles.

Meu caminho me obrigou a passar perto dela – e quando olhei para o seu rosto de perto levei um susto: eu o reconheci de outros tempos, quando ela era uma moça bonita que ria e brincava e para quem olhávamos com olhares de cobiça.

Não resisti e chamei alto o seu nome. Ela se espantou, olhou-me com um olhar interrogativo, não me reconheceu. Com razão. Os muitos anos deixam suas marcas no rosto.

– Eu sou o Rubem!

Seu rosto se iluminou pela lembrança, sorriu, e pensei que poderíamos nos assentar e conversar sobre as nossas vidas. Mas sua preocupação com a minha alma não permitia essas perdas de tempo com conversa fiada. E ela tratou de verificar se o meu passaporte para a eternidade estava em ordem:

– Você continua firme na fé!?

– Mas de jeito nenhum. Então você deixou de ler a Bíblia? Pois lá está dito que Deus é espírito, vento impetuoso que sopra em todo lugar, o mesmo vento que ele soprou dentro da gente para que respirássemos, fôssemos leves e pudéssemos voar. Quem está no vento não pode estar firme. Firmes são as pedras, as tartarugas, as âncoras. Você já viu um papagaio firme? Papagaio firme é papagaio no chão, não voa. Pois eu estou mais é como urubu, lá nas alturas, flutuando ao sabor do imprevisível Vento Sagrado, sem firmeza alguma, rodando em largos círculos.

Ela ficou perdida, acho que nunca havia ouvido resposta tão estranha, mudou de tática e tentou pegar a minha alma do outro lado, desatou a falar de Deus, informou-me que ele é maravilhoso etc., etc., etc., como se estivesse no púlpito em celebração de domingo.

Refuguei e disse:

– Acho que quem não está firme em Deus é você. Olha, passei a noite toda respirando, estou respirando desde que acordei, e juro que agora é a primeira vez que penso no ar. Não pensei nem falei no ar porque somos bons amigos. Ele entra e sai do meu corpo quando quer, sem pedir licença. Mas a história seria outra se eu estivesse com asma, os brônquios apertados, o ar sem jeito de entrar, ou, como naquele anúncio antigo do xarope Bromil, o coitado do homem sufocado por uma mordança, gritando pelo ar que lhe faltava. Por via das dúvidas até andaria com uma garrafa de oxigênio na bagagem, para qualquer emergência.

E continuei:

– Pois Deus é como o ar. Quando a gente está em boas relações com ele não é preciso falar. Mas quando a gente está atacado de asma, então é preciso ficar gritando pelo nome dele. Do jeito como o asmático invoca o ar. Quem fala com Deus o tempo todo é asmático espiritual. E é por isso que andam sempre com Deus engarrafado na Bíblia e outros livros e coisas de função parecida. Só que o vento não pode ser engarrafado...

Aí ela viu que minha alma estava perdida mesmo e, como consolo, fez um sinal de adeus e disse que iria orar muito por mim. Aí eu protestei, implorei que não o fizesse. Disse-lhe que eu tinha medo de que Deus ficasse ofendido. Pois há rezas e orações que são ofensas. É óbvio: se vou lá, bater às portas de Deus, pedindo que ele tenha dó de alguém, eu lhe estou imputando duas imperfeições que, se fosse comigo, me deixariam muito bravo.

Primeiro, estou dizendo que não acredito no amor dele, deve ser meio fraquinho, sem iniciativa, preguiçoso, à espera do meu cutucão. Se eu não der a minha cutucada, Deus não se mexe. E isso não é coisa de ofender Deus? Segundo, estou sugerindo que Ele deve andar meio esquecido, desmemoriado, necessitado de um secretário que lhe lembre suas obrigações. E trato de, diariamente, apresentar-lhe a sua agenda de trabalho. Mas está lá nos salmos e nos evangelhos que Deus sabe tudo antes que a gente fale qualquer coisa. Ora, se a gente fica no falatório é porque não acredita nisso. Não acredito em oração em que a gente fala e Deus escuta. Acredito mesmo é na oração em que a gente fica quieto para ouvir a voz que se faz ouvir no meio do silêncio.

Voltei à minha amiga:

– Veja você. Tive um filho que estudava longe. Eu gostava dele. Ele gostava de mim. De vez em quando a gente se falava ao telefone. E o dinheiro da mesada ia sempre, com telefonema ou sem telefonema. Agora imagine: de repente começo a perceber telefonemas dele três vezes por dia e mensagens por sedex, cartas e telegramas louvando o meu amor, agradecendo a minha generosidade... Você acha que isso me faria feliz? De jeito nenhum. Concluiria que o meu pobre filho havia endoidecido e estava acometido de um terrível medo de que eu o abandonasse. Pois é assim mesmo com Deus: quem fica o dia inteiro atrás dele, com falatório, é porque desconfia dele. Mas o pior é o gosto estético que assim se imputa a Deus. Uma pessoa que gosta de passar o dia inteiro ouvindo os outros repetindo as mesmas coisas, as mesmas palavras, as mesmas rezas, pela eternidade afora, não deve ser muito boa da cabeça. Para mim isso é o inferno. Quem reza demais acha que Deus não funciona bem da cabeça. Acho que ele ficaria mais feliz se, em vez do meu falatório, eu lhe oferecesse uma sonata de Mozart ou um poema da Adélia...

Mas aí o alto-falante chamou o meu vôo, tive de me despedir, e imagino que ela ficou aflita, temerosa de que Deus derrubasse meu avião com um raio. Mal sabia ela que Deus nem mesmo havia ouvido a nossa conversa pois, cansado das doidices dos adultos, ele foge sempre que vê dois deles conversando e se esconde deles, disfarçado de criança.

28/2/94

## O galo

E há a estória do galo que cantava para fazer o Sol nascer, que já contei em outro lugar e repito. Bem de manhã, escurinho ainda, ele subia no telhado do galinheiro, estufava o peito e anunciava:

– Vou cantar para fazer o Sol nascer!

A bicharada toda ficava boquiaberta, pois acreditava que o galo dizia a verdade, e a prova estava bem ali diante deles. O galo batia as asas, olhava firme para o horizonte e ordenava:

– Co-co-ri-có!

E logo o Sol, obediente, ia aparecendo, vermelho, todo luz, todo quentura, tudo ficava alegre, e a bicharada agradecia ao galo o seu poder e a sua bondade.

Bem verdade que isso não era coisa pacífica. Que o Sol nascia por causa do canto do galo, isso era dogma, *quod semper quod ubique et quod ab omnibus creditum est* – o que era crido sempre, em todos os lugares e por todos, como dizem os doutores da Igreja. O que era objeto de infinitas *disputado* era a partitura certa – porque pelo vale afora havia galinheiros que não acabavam mais, cada qual com seu galo, e cada galo cantava de um jeito diferente. Tinha o garnisé, que cantava fino, com voz de tenor, tinha o galo de pescoço pelado, se explicava dizendo que era tonsura sagrada, ele era barítono, encompridava o último cê do co-co-ri-có, tinha o galo de crista vermelha e penas cor púrpura, não se contentava em cantar uma vez só, gostava de ouvir a própria voz, tinha o galo carijó,

que cantava manso, suave, feito gregoriano evitando o trítono, tinha o galo índio, teólogo da libertação, de canto guerreiro, cada um cantava de um jeito diferente e afirmava ser aquele o jeito de fazer o Sol nascer.

O fato era que todas as vezes que os galos se encontravam, a coisa terminava em briga, briga de galo sendo até hoje esporte muito popular, cada qual tentando provar que o seu canto é o único verdadeiro e o do outro é falso. Nunca lhes passava pela cabeça que melhor seria fazer um dueto, embora as pombas tivessem tentado inúmeras vezes organizar um coro ecumênico para pôr um fim à briga, inutilmente, porque os galos não gostam de polifonia, gostam mesmo é do seu canto só.

Pois aconteceu que um dia o despertador do galo não tocou, ele perdeu a hora e, quando acordou, o Sol já estava lá no meio do céu, com aquele sorriso de felicidade, espalhando luz e calor por todos os bichos do vale. Aquilo foi um golpe no orgulho do galo, entrou em depressão, procurou a coruja, psicanalista, contou-lhe os seus sonhos. A coruja fez que ouviu, não prestou muita atenção, e só falou uma irônica pontuação lacaniana: *Já que o Sol nasce mesmo sem o seu canto, por que é que você não joga fora o despertador?*

O galo a princípio não entendeu. Mas à medida que ia entendendo ele ia sorrindo: *Jogar fora o despertador, o Sol vai nascer de qualquer maneira, o meu canto não tem assim tanta importância, não preciso bater o ponto, estou livre para dormir e acordar a hora que eu quiser, o Sol vai continuar a nascer de qualquer jeito...*

Aí o galo deu uma gargalhada de felicidade, no que foi seguido pela coruja, ficou logo curado da sua depressão; as

doenças da alma se curam sempre quando se aprende a rir de si mesmo...

Contei essa estória para tranquilizar os muitos galos, galinhas, patos, perus e marrecos, moradores de galinheiros, que devem ter ficado horrorizados com os meus contracantos, tão desrespeitosos das coisas sagradas, tão desafinados, com uma letra ao revés do que todo mundo aprendeu e acredita... Imaginei que pudessem ficar com medo de que o Sol, em represália pelo meu canto, deixasse de nascer...

Espero que tenham percebido que essa estória é uma parábola teológica sobre uma das coisas mais lindas do evangelho, que diz que Deus é como o Sol que nasce sobre os justos injustos, ou como a chuva que cai sobre maus e bons.

Eu sei que isso parece injustiça, pois o certo seria que o Sol brilhasse só sobre os bons. O certo seria se a fonte, quando o malvado chega perto, secasse. O certo seria se a chuva só caísse sobre os justos.

Mas que posso fazer? O que diz um dos textos sagrados é que Deus não dá a mínima bola para o canto do galo, se canta ou se não canta, se canta bonito ou canta feio – ele brilha de qualquer forma. Deus não muda o seu jeito de ser, por causa do nosso jeito de ser.

Isso quer dizer que a gente pode cantar do jeito que quiser. Tem permissão para pensar o que quiser. Não faz diferença. O Sol não fica bravo. Acho que o Sol devia morrer de rir, vendo aquele bando de galos bobos, cada qual convencido da importância do próprio canto.

Deus é assim também: ele acha divertidíssimos nossos cantos de galo e nossos cacarejos de galinha (muita reza se

parece com um cacarejo, pois fica repetindo a mesma coisa, só que o cacarejo tem mais sentido, pois com ele a galinha anuncia que botou um ovo, e nas rezas se quer obrigar Deus a botar um ovo...). Como eu dizia, Deus acha divertidíssimos nossos cantos e cacarejos, e até mesmo pede bis.

Não estou sendo irreverente com as coisas sagradas. Sagrado é Deus, mar profundo e infinito, floresta sombria e desconhecida, montanha com seus abismos cobertos de neblina... Meu corpo e minha alma ficaram ali, diante do mistério que me cerca, em silêncio.

Mas quando ouço os cantos de galo e os cacarejos de galinhas, começo a rir. E não é riso de deboche. É riso de felicidade. Felicidade que, diante do mistério obscuro, nos seja concedida a graça da leveza: podemos pensar e falar sem ter medo. Qualquer que seja o nosso canto, o Sol brilhará da mesma forma... Quando se percebe isso, ao pensamento se mistura o riso, e começamos a voar...

7/3/94

## O Paraíso

Dizem os fundamentalistas... Ah! Você não sabe quem são eles. Vou explicar. *Fundamentalistas* são pessoas muito religiosas (se católicas, protestantes, muçulmanas ou judias pouco importa, pois todas pensam do mesmo jeito). Elas pensam que Deus é dono de um jornal. Não só dono como também redator-chefe, repórter e linotipista. Nesse jornal, que se chama **O Correio Divino**, tudo sai diretamente da pena de Deus, os editoriais, as reportagens, os artigos, os obituários, com a devida autenticação dos carimbos do cartório dos anjos. Por essa razão, tudo o que é ali publicado tem de ser acreditado tintim por tintim, nos seus mínimos detalhes: Deus não espalha boatos falsos, só para aumentar a venda. **O Correio Divino** publica só o que aconteceu de verdade, não importa quão fantástico possa parecer; para Deus tudo é possível, como o portento de Josué, que fez parar o Sol no meio do céu, e o do profeta Jonas, engolido e vomitado por um peixe, depois de gozar de sua hospitalidade visceral por três dias.

Pois eles, baseados no tal jornal, afirmam que Deus plantou um jardim maravilhoso há muito tempo, quase 6 mil anos, muito longe, lá pelas bandas do Iraque. Por um desentendimento entre Deus, o casal de jardineiros e uma cobra, Deus expulsou os dois de lá e fechou a porta do Paraíso, que nunca mais foi achado. Por lá, hoje, só se acha areia, guerra e petróleo, e dizem os entendidos que foi isso que restou do

jardim de Deus, transformado em óleo preto por artes do Demo.

Acho um desperdício. Se o que Deus queria era só plantar um *paraisinho*, por que gastar tempo e energia fazendo um mundo tão grande, tão bonito, o Rio Amazonas, o Himalaia, o mar, as praias com coqueiros, os riachinhos nas montanhas, o Pantanal e o Lago de Como, que é onde estou agora? Teria sido muito mais lógico fazer um mundo do tamanho do jardim, seria mais fácil tomar conta, e assim tudo caberia num asteróide, como aquele onde morava o Pequeno Príncipe.

Claro que isso tudo que falei é brincadeira, pois não acredito em nada disso. Eu leio os textos sagrados como quem lê poesia e não como quem lê jornal. Prefiro pensar que Deus é poeta a imaginá-lo como dono de um jornal. Existirá ofensa maior para um poeta que perguntar se o seu poema é reportagem?

Sendo esse o caso, posso bem sonhar que Deus não fez um Paraíso só, ele fez muitos, tantos quantas são as suas criaturas, para cada uma delas um Paraíso diferente, e os espalhou pelo mundo inteiro. Em volta de cada pessoa existe um Paraíso diferente do seu, como se fosse uma bolha transparente. Você já viu?

Não. Você nunca viu. Sugiro consultar um oculista, alguma coisa deve estar errada com os seus olhos, você não está vendo direito. Diagnóstico sugerido pelos mesmos poemas sagrados, que atestam que o primeiro dano do pecado foi estragar nossa visão. Com o que concorda Alberto Caeiro, oftalmologista de renome, que diz que *não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores*. O mundo está cheio de cegos com vista perfeita.

Quem oferece colírios curativos para olhos cegos (muito embora só sejam cegos para o belo, tendo vista muito boa para o feio!) é um místico medieval, Ângelo Silésio, que escreveu num dos seus poemas: *Quem, dentro de si mesmo, um Paraíso não for capaz de encontrar, não será capaz também de, um dia, nele entrar...*

Não quero fazer inveja a ninguém, mas eu estou no Paraíso, aqui na Itália, num castelo, às margens do Lago de Como, cercado de montanhas, que eu vejo agora através da janela do meu quarto enquanto escrevo. São três e meia da tarde, o Sol brilha forte, o castelo está circundado de parques, mais de dez quilômetros de caminhos pelos bosques de coníferas altíssimas, ninféias, fontes com repuxos, o cheiro da resina dos pinheiros vai até o fundo da alma, o silêncio só é quebrado pelo apito dos barcos lá longe e pelo repicar do sino da igreja que acabou de bater. Bateu também dentro de mim uma saudade não sei de quê, eu sou uma saudade imensa cercada de carne por todos os lados...

Fiquei imaginando Deus, andando pelos caminhos onde eu andei, no vento fresco da tarde, do jeitinho como diz o texto sagrado. Ele deve ter sentido a mesma coisa que eu senti: quanto maior era a beleza, maior também era a tristeza. A beleza, em solidão, é sempre triste. Beleza solitária dá vontade de chorar. Para ser boa, a beleza exige, pelo menos, dois pares de olhos tranqüilos se olhando, dois pares de mãos amigas brincando, e bocas de voz mansa sussurrando...

Acho que foi naquele momento, quando Deus sentiu tristeza ao ver a beleza, que ele entendeu por que Adão estava tão deprimido: deuses e homens são muito parecidos... E foi então que ele aprendeu – pois Deus também aprende – *que não é bom que o homem fique só*. Fez dormir Adão, e ordenou que

aquilo que ele sonhasse, aquilo mesmo acontecesse. E ele sonhou com dois olhos tranqüilos, duas mãos brincalhonas, e uma voz mansa... E assim nasceu a mulher, o sonho mais belo do homem, para trazer alegria ao Paraíso...

Fico mesmo é com dó de Deus. Os entendidos, que privam de sua vida íntima, teólogos, clérigos, papas e cardeais, dizem que não devo me preocupar, pois Ele está sempre em boa companhia, tem mãe puríssima, que nasceu sem pecado. É um filho obedientíssimo, que sempre faz o que lhe é mandado. Dizem que isso basta para a felicidade de Deus.

Discordo. Sem o olhar dos olhos apaixonados, sem o toque das mãos brincalhonas, sem o som da voz mansa, nem Deus pode se sentir feliz.

Essa é uma felicidade possível aos homens. Mas, e Deus? Andando sozinho pelo jardim. Coitado! Tanta beleza. Tanta tristeza...

15/8/93

Não conheço ninguém que tenha entusiasmo com a idéia do Céu. Até mesmo os mais piedosos não querem deixar este mundo e fazem a maior força para adiar o momento da partida para o prometido lugar de delícias. Preferem ficar um pouco mais, a despeito da artrite, da úlcera, da surdez, da dentadura, da urina solta. E certos estão, pois nada melhor se pode desejar que esta terra maravilhosa, com seus perigos e amenidades. Lembro-me de Dona Clara, mulher mais sábia não conheci, que cuidava da horta como de um namorado, e fazia isto louvando a Deus, sem nunca ser chata. Já velhinha, cega, na cama, sua filha lhe lia as Sagradas Escrituras, mas parece que ela não ouvia, pois a interrompeu: *Minha filha... Sei que a hora esta chegando. Que pena! Este inundo é tão bonito...*

Cecília Meireles, mística, criatura de um outro mundo, conforme testemunho próprio e confirmação do Drummond, dizia que ficava a imaginar se, depois de muito navegar a um outro mundo enfim se chega. E tremia de medo que isso pudesse acontecer: *O que será, talvez, até mais triste. Nem barcas, nem gaivotas, mas apenas sobrehumanas companhias...*

Consultei a Adélia Prado, para ver se a teologia dela era de diferente opinião. E o que eu encontrei foi isso: *Se o que está prometido é a carne incorruptível, é isso mesmo que eu quero, mais o Sol numa tarde com tanajuras, o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus e, imprescindível, multiplicado ao infinito, o momento em que palavra alguma serviu à perturbação do amor Assim quero “venha a nós o vosso reino”...* Consultei o texto dos graves doutores nas coisas

divinas, e em nenhum deles pude encontrar referências a um céu com tanajuras, vestidos amarelos e momentos de amor carnal. Mande os tais livros de presente para os meus inimigos e guardei o poema da Adélia.

E até mesmo Nietzsche pensou que seria bom que esta vida, com todas as suas dores e sofrimentos, não acabasse nunca, e que o universo fosse um cânon infinito, em que esta vida se repetisse eternamente. Ele imaginava que cada momento deveria ser eterno, e a única forma de se conseguir isto era fazer com que o tempo fosse uma ciranda, e tudo voltasse ao princípio e começasse de novo, do jeitinho mesmo que foi.

Concordo. E até estou pensando em fundar uma nova religião, pois religião é isto, acreditar que a imaginação é forte... Desta religião a coisa mais importante será a doutrina da reencarnação – pois é isso que a reencarnação diz, que o corpo é como a Fênix, ressuscita sempre das cinzas. Só que a reencarnação da minha religião é diferente daquela que anda pra frente. O que eu quero mesmo é voltar pra trás.

Andei lendo coisas espantosas da Física moderna. Pois, se entendi o que li, existe um outro tempo, diferente deste do dia a dia, rio que nasce no passado e vai levando a nossa canoa para o futuro. Este outro tempo nasce no futuro e vai navegando para o passado...

Alegrei-me ao saber de coisa tão maravilhosa. Pois o que o meu coração deseja não é navegar para o futuro. O futuro é desconhecido. E por mais que dê asas à minha imaginação, não consigo amar o que não conheço. Pode ser que ali se encontrem as coisas mais maravilhosas – mas como eu nunca as tive, não posso amá-las. Não sinto saudades delas. A

saudade é um buraco na alma que se abriu quando um pedaço nos foi arrancado. No buraco da saudade mora a memória daquilo que amamos, tivemos e perdemos: presença de uma ausência. Oh! *metade arrancada de mim!*, diz o Chico. Minha alma é um queijo suíço. E o que a saudade deseja não é uma coisa nova. É o retorno da coisa velha, perdida. *Saudade é o revés do parto. É arrumar o quarto para o filho que já morreu...* E inútil consolar a mãe, diante do filho morto, dizendo que ela poderá ter um outro filho mais bonito e mais inteligente. O que a mãe deseja é aquele filho burrinho e feio – pois é ele que ela ama.

D. Miguel de Unamuno tem um livro lindíssimo com o título Paisagens da Alma. As paisagens da alma são feitas de cenários que não mais existem, e que a saudade eternizou. Aquilo que o coração ama fica eterno.

Não, não quero ir nem para o Céu e nem para a frente. Quero mesmo é voltar para os lugares do passado que amei. Quero voltar para casa...

Quero o gemido do monjolo de minha infância e suas pancadas tristes, noite a dentro. Quero as madrugadas pelos campos cobertos de capim gordura, o borbulhar dos regatos escondidos no mato, o barulho dos cascos dos cavalos no chão, misturado ao cheiro divino do seu suor. Quero as jabuticabeiras floridas e suas abelhas. Quero as estórias de almas do outro mundo, contadas à sombra das paineiras. Quero o barulho das goteiras nas panelas, caindo dentro de casa. Quero o apito rouco do trem de ferro, que vive apitando dentro do meu corpo. Quero um canarinho da terra, cabecinha de fogo, no galho da laranjeira. Quero o cheiro dos cadernos, livros e borrachas, no primeiro dia de aula, no grupo. Quero me assentar no rabo do fogão de lenha e ficar vendo o fogo.

Quero assistir a fita em série, no Cinema Paradiso. Quero molhar os pés na enxurrada...

Se eu fosse escrever uma teologia sobre a felicidade futura, seria isto que eu escreveria: uma poesia sobre a felicidade passada... Para isso rezo toda noite: *Senhor do Tempo põe a minha canoa no rio do passado, pois só assim haverá uma cura para a minha saudade...*

## *Valeu a pena?*

Ali estávamos nós quatro: você, eu, I-Ching e Beethoven. As moedas iam marcando a direção do oráculo-luz para sua pergunta.

Mas você não sabia que há perguntas para as quais o livro dos oráculos não tem respostas. Porque ele foi escrito para aqueles que, diante do escuro do futuro, procuram um conselho de prudência: *Que fazer?*

O livro não diz o que vai acontecer, porque ele não sabe. Suas respostas são como a previsão do tempo: tempo bom com nebulosidade; tempo instável, sujeito a chuvas; temperatura em declínio, aproxima-se um furacão...

Ninguém que navega em barca a vela se atreve mar adentro sem antes lançar suas moedas e perguntar ao tempo o que o futuro reserva. Os que ignoram as advertências do tempo poderão pagar com a vida. Ulysses Guimarães pagou. Nunca mais foi achado. Acostumado ao poder, achou que poderia desafiar o tempo. Perdeu.

Assim é o I-Ching: um oráculo que anuncia o tempo do Tão. *Tao* é o nome do mar onde a vida navega. Cedia Meireles entendia: *Muitas velas, muitos reinos, âncora é outro falar, tempo que navegaremos não se pode calcular...* Não é possível derrotar o mar absoluto com os remos que temos nas mãos. É preciso fazer como quem navega: levantar as velas, direcionar o leme, e deixar-se levar pelo vento misterioso da vida...

Mas você não estava pedindo um conselho de prudência sobre o futuro. Você pedia uma palavra de sabedoria sobre o passado.

*Valeu a pena?*

Tantos rochedos, tantas tempestades, tantas velas rasgadas e recosturadas, tantos mastros quebrados e consertados... Valeu a pena? E eu senti, na sua pergunta, uma outra mais terrível – se não teria sido melhor ter naufragado...

E o I-Ching não soube que resposta dar. Talvez porque a resposta já estivesse no ar, um hexagrama inexistente onde estivesse escrito: Pergunta ao Beethoven!

Já na cama, eu perguntei ao Beethoven. A gente estava ouvindo o último movimento da **Nona Sinfonia**. Por várias vezes a orquestra cantara o tema, começando com os veludos dos violoncelos, os ouvidos tinham de prestar atenção, pois a música parecia um sussurro. Aos poucos os outros instrumentos foram acordando, saindo do seu silêncio, até que todos se puseram a tocar com força sobre-humana. Talvez este tenha sido o esforço supremo de Beethoven para ouvir aquela beleza perfeita que só ouvia com a alma, pois seus ouvidos já nada ouviam.

*Valeu a pena?*

A orquestra, então, como um golpe de marretas, uma cadência trágica e furiosa, interrompe a beleza celestial do tema num grito de revolta que diz: Não, não valeu a pena! Ao final, parece que o trágico leva a melhor.

Mas isso era resposta que Beethoven não podia aceitar, ainda que fosse oráculo de I-Ching. E ele pede socorro de

alguém maior que todos os oráculos. Ele chama um poeta. O poeta vem e canta sobre o trágico canto, o seu canto de alegria:

*Oh! amigos – não cantemos assim: Cantemos com prazer maior, com mais alegria!*

*Alegria! Alegria! Centelha de Deus!*

*Todas as criaturas bebem dela, nos seios da natureza.*

Faz muitos anos eu li o livro **Lições de Abismo**, de Gustavo Corção. É a história de um homem, nos seus 50 anos, que descobre que tem apenas mais seis meses de vida. Sem tempo para construir o futuro, ele olha para trás, na tentativa de ouvir alguma melodia que se tivesse anunciado em meio às dissonâncias de sua vida. E se perguntava: *Valeu a pena? Que bom seria se fôssemos como uma sonata de Mozart, só 20 minutos, mas nesses minutos tudo o que é para ser dito, é dito!*

Coitado! Ele não percebeu que a vida de alguém não se mede pelo número de anos vividos, da mesma forma como a beleza não pode ser medida pela duração da melodia. Beethoven disse tudo o que era para ser dito em 50 minutos. Mozart dizia o essencial em 20 minutos. E Milton Nascimento faz a mesma coisa em quatro minutos. A Adélia Prado precisa apenas de 30 segundos.

Blake dizia que a eternidade mora num grão de areia e pode ser contida na palma da mão. Com o que Borges concorda: *A vida é feita de momentos.*

*Valeu a pena?* A sua pergunta está respondida nos curtos momentos da **Nona Sinfonia**. Curtos, mas destinados à eternidade.

Cada momento de alegria, cada instante efêmero de beleza, cada minuto de amor, são razões suficientes para uma vida inteira. A beleza de um único momento eterno vale a pena de todos os sofrimentos.

## *Tempo de morrer*

Eu havia colocado no toca-discos um disco velho, poemas do Vinícius e Drummond, daqueles que, com o tempo, começam a chiar e a pular. O próprio Vinícius, com sua voz de sussurro, recitava, e agora chegava a vez do último poema, *O Haver*, que é um balanço da vida, tanto que todas as estrofes começam com a mesma palavra *Resta*; foi isso que sobrou.

*Resta essa capacidade de ternura, essa intimidade perfeita cora o silêncio...*

*Resta essa vontade de chorar diante da beleza, essa cólera cega em face da injustiça e do mal-entendido...*

*Resta essa faculdade incoercível de sonhar e essa pequenina luz indecifrável a que às vezes os poetas tomam por esperança...*

E os *resta* se sucederam, até chegar ao *resta* final.

Assim é a vida. Tudo o que é belo, para permanecer belo, tem de ter um fim. Assim é com o pôr-de-sol que é belo porque suas cores são efêmeras e em poucos minutos se vão.

Assim é também a sonata que é bela porque sua vida é curta. Se ela não tivesse fim e ficasse tocando eternamente, é certo que o seu lugar seria entre os instrumentos de tortura do inferno.

Até o beijo... Que amante suportaria um beijo que não terminasse nunca? A vida precisa de descanso. Lembro-me de um poema de Fernando Pessoa em que ele dizia ter dó. das estrelas, que tinham de ficar brilhando, brilhando, sem nunca

descansar... O poema tinha de morrer. A sua beleza o exigia. No lugar da sua morte ficaria o vazio silencioso. Nasceria então uma outra coisa no seu lugar: a saudade. A saudade é flor que só floresce na ausência. É nela que se dizem as orações suplicando dos deuses a graça de repetição da beleza. E é só para isso que existem os deuses: para garantir o retorno do belo. A voz do Vinícius ficou mais baixa. É preciso sussurrar quando o fim se aproxima.

*Resta esse diálogo cotidiano com a morte, / esse fascínio pelo momento a vir, quando, emocionada, / ela virá me abrir a porta como uma velha amante...*

E eu automaticamente me adiantei, recitando em silêncio o último verso: ... *sem saber que é minha mais nova namorada.*

Foi então que o imprevisto aconteceu: a agulha pulou para trás. Achou o poema tão bonito que se recusou a ser cúmplice da sua morte. Fez como fazem médicos e parentes, que não permitem a morte do ente querido. Mas o que aconteceu não foi o que a agulha queria. O belo não se prolongou. Ele fugiu. E, no seu lugar, o grotesco, o feio, o que não deveria ser... Uma repetição sem sentido: *sem saber que é a minha mais nova... sem saber que é a minha mais nova... sem saber que é a minha mais nova...* E assim teria ficado, eternamente se eu, por puro amor, não tivesse ajudado o poema a morrer: levantei-me do meu lugar, fui até o toca-discos, e consumei o assassinato: empurrei suavemente o braço com o meu dedo. O poema se disse até o fim, morreu e ficou perfeito. Depois foi o silêncio.

Pensei que aquilo tinha sido uma parábola da vida. O que se pede da vida é que ela seja bela como um poema. Mas, para ser bela, eternamente, ela há de saber morrer. Está lá, dito no texto sagrado, que para tudo há o tempo certo. Há um tempo

de nascer e há também um tempo de morrer. Aprendemos a contar os meses da gravidez e a marcar o dia do parto. Mas quando aprenderemos a reconhecer o momento de morrer? O nosso corpo sabe. E não quer ficar, depois da hora. Ele também tem dó das estrelas, que brilham sem descanso...

Acho que seria isso que a vida diria, como seu último desejo, se os vivos a ouvissem: que o fim seja calmo como o crepúsculo, que seja decidido como o último acorde de uma sonata, e que se saiba haver chegado o momento quando se reencontra a velha amante com a alegria de quem abraça a mais nova namorada...

Que os médicos e parentes, por amor à beleza, deixem o poema se dizer, até o fim. Por favor, não ponham o dedo ao contrário, no braço do toca-discos...

## *Deus existe?*

De vez em quando alguém me pergunta se eu acredito em Deus. E eu fico mudo, sem dar resposta, porque qualquer resposta que desse seria mal entendida. O problema está nesse verbo simples, cujo sentido todo mundo pensa entender: *acreditar*. Mesmo sem estar vendo, eu acredito que existe uma montanha chamada Himalaia, e acredito na estrela Alfa Centauro, e acredito que dentro do armário há uma réstia de cebolas... Se eu respondesse à pergunta dizendo que acredito em Deus, eu o estaria colocando no mesmo rol em que estão a montanha, a estrela, a cebola, uma coisa entre outras, não importando que seja a maior de todas.

Era assim que Casemiro de Abreu acreditava em Deus, e todo mundo decorou e recitou o seu poema teológico: *Eu me lembro... Era pequeno... O mar bramia, e erguendo o dorso altivo sacudia a branca espuma para o céu sereno. E eu disse à minha mãe naquele instante: “Que dura orquestra! Que furor insano! Que pode haver maior que o oceano ou mais forte que o vento?” Minha mãe a sorrir olhou para os céus e respondeu: “Um Ser que nós não vemos! E maior que o mar que nós tememos, é mais forte que o tufão, meu filho: é Deus!”*

Ritmos e rimas são perigosos porque, com freqüência, nos levam a misturar razões ruins com música ruim. Deixados de lado o ritmo e as rimas, o argumento do poeta se reduz a isso: *Deus é uma “coisona” que sopra qual ventania enorme, e um marzão que dá muito mais medo que esse mar que está aí.* Ora, admito até que coisona tal possa existir. Mas não há argumento que me faça amá-la. Pelo contrário, o que realmente desejo é vê-la bem

longe de mim! Quem é que gostaria de viver no meio da ventania navegando num mar terrível? Eu não...

É preciso, de uma vez por todas, compreender que *acreditar em Deus* não vale um tostão furado. Não, não fiquem bravos comigo. Fiquem bravos com o apóstolo Tiago, que deixou escrito em sua epístola sagrada: *Tu acreditas que há um Deus. Fazes muito bem. Os demônios também acreditam. E estremeecem ao ouvir o Seu nome...* (Tiago 2,19). Em resumo, o apóstolo está dizendo que os demônios estão melhor do que nós porque, além de acreditar, estremeecem... Você estremece ao ouvir o nome de Deus? Duvido. Se estremecesse, não o repetiria tanto, por medo de contrair malária...

Enquanto escrevo, estou ouvindo a **Sonata Appassionata**, de Beethoven, a mesma que Lenin poderia ouvir o dia inteiro, sem se cansar, e o seu efeito era tal que ele tinha medo de ser magicamente transformado em alegria e amor, sentimentos incompatíveis com as necessidades revolucionárias (o que explica as razões por que ativistas políticos geralmente não se dão bem com música clássica). Se eu pudesse conversar com o meu cachorro e lhe perguntasse: *Você acredita na “Appassionata”?* – ele me responderia: *Pois é claro. Acha que eu sou surdo? Estou ouvindo. E, por sinal, esse barulho está perturbando o meu sono.*

Mas eu, ao contrário do meu cachorro, tive vontade de chorar por causa da beleza. A beleza tomou conta do meu corpo, que ficou arrepiado: a beleza se fez carne.

Mas eu sei que a sonata tem uma existência efêmera. Dentro de poucos minutos só haverá o silêncio. Ela viverá em mim como memória. Assim é a forma de existência dos objetos de amor: não como a montanha, a estrela, a cebola,

mas como saudade. E eu, então, pensarei que é preciso tomar providências para que a sonata ressuscite de sua morte...

Leio e releio os poemas de Cecília Meireles. Por que releio, se já os li? Por que releio, se sei, de cor, as palavras que vou ler? Porque a alma não se cansa da beleza. Beleza é aquilo que faz o corpo tremer. Há cenas que ela descrever que, eu sei, existirão eternamente. Ou, inversamente, porque existiam eternamente, ela as escreveu. *O crepúsculo é este sossego do céu / com suas nuvens paralelas / e uma última cor penetrando nas árvores / até os pássaros. / E esta curva de pombos, rente aos telhados, / e este cantar de galos e rolas, muito longe; / e, mais longe, o abrolhar de estrelas brancas, / ainda servi luz.*

Que existência frágil tem um poema, mais frágil que a montanha, a estrela, a cebola. Poemas são meras palavras, que dependem de que alguém as escreva, leia, recite. No entanto, as palavras fazem com o meu corpo aquilo que universo inteiro não pode fazer.

Fui jantar com um rico empresário, que acredita em Deus, mas me disse não compreender as razões por que puseram o retrato da Cecília Meireles, uma mulher velha e feia, numa cédula do nosso dinheiro. Melhor teria sido retrato da Xuxa. Do ponto de vista da existência ele estava certo. A Xuxa tem mais realidade que a Cecília. Ela tem uma densidade imagética e monetária que a Cecília não tem e nunca quis ter. A Cecília é um ser etéreo, semelhante às nuvens do crepúsculo, à espuma do mar, ao vôo dos pássaros. E, no entanto, eu sei que os seus poemas viverão eternamente. Porque são belos.

A Beleza é entidade volátil – toca a pele e rápido se vai.

Pois isso a que nos referimos pelo nome de Deus é assim mesmo: um grande, enorme Vazio, que contém toda a Beleza do universo. Se o vaso não fosse vazio, nele não se plantariam as flores. Se o copo não fosse vazio, com ele não se beberia água. Se a boca não fosse vazia, com ela não se comeria o fruto. Se o útero não fosse vazio, nele não cresceria a vida. Se o céu não fosse vazio, nele não voariam os pássaros, nem as nuvens, nem as pipas...

E assim, me atrevendo a usar a ontologia de Riobaldo, eu posso dizer que Deus tem de existir. Tem Beleza demais no universo, e Beleza não pode ser perdida. E Deus é esse Vazio sem fim, gamela infinita, que pelo universo vai colhendo e ajuntando toda a Beleza que há, garantindo que nada se perderá, dizendo que tudo o que se amou e se perdeu haverá de voltar, se repetirá de novo. Deus existe para tranqüilizar a saudade.

Posso então responder à pergunta que me fizeram. É claro que acredito em Deus, do jeito como acredito nas cores do crepúsculo, do jeito como acredito no perfume da murta, do jeito como acredito na beleza da sonata, do jeito como acredito na alegria da criança que brinca, do jeito como acredito na beleza do olhar que me contempla em silêncio. Tudo tão frágil, tão inexistente, mas me faz chorar. E se me faz chorar, é sagrado. É um pedaço de Deus... Dizia o poeta Valéry: *Que seria de nós sem o socorro daquilo que não existe?*